



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL**

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO

**ENTRE VIDAS: NARRATIVAS (IM)POSSÍVEIS SOBRE
ENTREGAS VIA PLATAFORMAS DIGITAIS**

SALVADOR

2024

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO

**ENTRE VIDAS: NARRATIVAS (IM)POSSÍVEIS SOBRE
ENTREGAS VIA PLATAFORMAS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Multidisciplinar e Profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS) da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Genauto Carvalho de França Filho.

SALVADOR

2024

Escola de Administração - UFBA

O48 Oliveira Neto, Joaquim Alves de.

Entre vidas: narrativas (im) possíveis sobre entregas via
plataformas digitais / Joaquim Alves de Oliveira Neto. – 2023.
113 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Genauto Carvalho de França Filho.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola
de Administração, Salvador, 2024.

1. Plataformas digitais. 2. Economia compartilhada. 3. Gestão
social. 4. Prestação de serviços – Administração. 5. Motoboy.
6. Trabalhadores – Efeito das inovações tecnológicas. 7. Ambiente
de trabalho. I. Universidade Federal da Bahia. Escola de
Administração. II. Título.

CDD - 344.04



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL (PPGDGS), realizada em 22/07/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO PROFISSIONAL EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL no. 67, área de concentração Desenvolvimento e Gestão Social, do(a) candidato(a) JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO, de matrícula 2021105080, intitulada ENTRE VIDAS: NARRATIVAS (IM)POSSÍVEIS SOBRE ENTREGAS VIA PLATAFORMAS DIGITAIS. Às 14:00 do citado dia, Escola de Administração, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. GENAUTO CARVALHO DE FRANCA FILHO que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. ANDRE LUIS NASCIMENTO DOS SANTOS, Profª. Dra. SALETE MARIA DA SILVA e Prof. Dr. Dayvid Souza Santos. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.


Dr. Dayvid Souza Santos
Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente
SALETE MARIA DA SILVA
Data: 08/01/2025 11:36:47-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. SALETE MARIA DA SILVA, UFBA
Examinadora Externa ao Programa

Documento assinado digitalmente
ANDRE LUIS NASCIMENTO DOS SANTOS
Data: 08/01/2025 10:57:00-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. ANDRE LUIS NASCIMENTO DOS SANTOS, UFBA
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
GENAUTO CARVALHO DE FRANCA FILHO
Data: 08/01/2025 12:31:15-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. GENAUTO CARVALHO DE FRANCA FILHO, UFBA
Presidente

Documento assinado digitalmente
JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO
Data: 09/01/2025 07:56:38-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO
Mestrando(a)

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO

**ENTRE VIDAS: NARRATIVAS (IM)POSSÍVEIS SOBRE
ENTREGAS VIA PLATAFORMAS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Multidisciplinar e Profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS), da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 22 de julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Genauto Carvalho de França Filho – Orientador
Doutor em Sociologia pela Université de Paris VII

Prof. Dr. André Luis Nascimento dos Santos
Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia

Profª. Dra. Salete Maria da Silva
Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pela Universidade Federal da Bahia

Dr. Dayvid Souza Santos
Doutor em Engenharia Industrial pela Universidade Federal da Bahia

A

Sávio da Silva Dias, entregador de vidas.

AGRADECIMENTOS

Eu amo muito esse lugar do estudo, leitura, escrita, debate, troca de saberes e possibilidades de transformação social. E para nele estar, fui cuidado e cuidei, através de uma grande e amorosa rede, a qual eu agradeço o zelo e apoio. Gratidão para as minhas “três marias”: minha avó Almerinda, pelas orações, sobretudo, minha mãe Alaici, pelo incentivo incondicional e minha mãedrinha, Aleine, por adoçar o lar que sempre me acolheu como filho. À Luiz Alberto, meu padrinho, por ser referência em ser humano. Aos meus tios João e Jailton, pela fé que depositam em mim. Aos primos Luiz Cláudio, Danilo e Adrian, pela mútua inspiração. À Fabíola Mora, pela escuta atenta às minhas histórias e elucubrações dissertantes e por carregar a *bag* dessa pesquisa comigo – literalmente até. À Hilda Bárbara, por viver o bônus e o ônus deste mestrado antes de mim. Aos *ips nerds* em gestão, Juliana e Gil, com quem compartilho uma vida. À Leo e Carol, pelo amor e acolhimento durante a residência social na Cidade Baixa Porto Alegre. À Lucas, entregador, empreendedor, pai de família e catalizador da coletividade nas entregas, que me deu os toques, abriu portas virtuais e “mapeou” caminhos para este trabalho. Ao “Entre Elas”, com Andrea, Anelize, Júlia, Tiales, MariGabi, nosso grupo de sentir e fazer muitas coisas durante o mestrado. À Vivi, por remarmos no mesmo barco. À Rosa e Aétio, por carnavalizarem meus pensamentos. À Manoel Filho, pároco dos “abraços”. À Marcelinha, pelo apoio e entusiasmo de sempre.

A orientação é também interconexão afetiva e ideológica. Precisamos pensar neste trabalho conjunto, para além das linhas de pesquisa e adequação entre pré-projetos e orientador(a). É sobre integrar pessoas. Eu sou privilegiado por encontrar nesse processo, muito mais do que caminhos metodológicos, referências e estruturas outras. Construí uma relação simbiótica, que me permitiu pensar, não abaixo, mas conjuntamente, numa real e sincera co-construção. Isso muda tudo. São mais de uma década e meia de convívio, começando pela iTES, passando pelas disciplinas na graduação, chegando até a orientação e disciplinas do mestrado. Aqui estamos, professor Genauto, obrigado por tudo!

Eu desejo poder continuar construindo e vivendo em um mundo em que a cooperação seja entendida como ela de fato é: essencial. Pude ajudar e ser ajudado, dentro e fora do programa de mestrado. Indiquei referências, sugeri metodologias, partilhei experiências, materiais, filmografias, discografias, poesias e tudo que acho possível e necessário caber no

balaio acadêmico. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, obrigado por apoiar essa trajetória.

Quero deixar meu muito obrigado, também, pela versão de mim que até aqui chegou.



@crisvector @designativista

OLIVEIRA NETO, Joaquim Alves de. Entre Vidas: Narrativas (Im)possíveis sobre Entregas via Plataformas Digitais. 126 f. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

Este trabalho mergulhou nas águas da chamada “plataformização do trabalho”, setor em que grupos de trabalhadores/as labutam via plataformas digitais, realizando entregas pela cidade. Um estudo com base em dados secundários, sobre plataformas digitais, foi desenvolvido como parte da metodologia. Em seguida, houve a realização de etnografia virtual, em grupos de *whatsapp*, sendo um de auxílio operacional a realização de entregas e outro para suporte aos/as trabalhadores/as entregadores/as, e uma etnografia presencial, em um bairro da cidade de Salvador, para aprender sobre a racionalidade, estruturação e desafios dessa lida, enquanto entregador de fato. Os dois grupos virtuais de *whatsapp*, um composto por empreendimentos, entregadores/as e mediadores, onde são operacionalizados os pedidos e entregas e o outro, com objetivo de suporte à quem trabalha no primeiro, aconteceram a partir de uma entrevista semi-estruturada, realizada com o fundador deste grupo específico. Esta pesquisa buscou descrever e analisar as vivências do mundo das entregas via plataformas digitais. O foco do trabalho esteve direcionado aos aplicativos de entrega, em paralelo a experiência prática em plataforma alternativa de entregas. Embora não tenha sido viável atuar por meio dos aplicativos hegemônicos como o iFood, foi possível observar a operação por meio de quem o fazia no dia a dia e com quem convivi durante a realização do trabalho, as conversas prévias e as percepções outras obtidas cotidianamente, para além da pesquisa, também auxiliaram no processo. Como produto deste estudo, foi delineado um caderno de contos (Entre Contos), autoral, que teve como base essas vivências mencionadas. Um conto em especial, foi elaborado em coprodução com uma IA, gerando um experimento profundo e de teor metalinguístico interessante ao caderno. Além disso, foi elaborado um caderno diário (Entre Dias), lastreado no diário de bordo utilizado durante a etnografia. Por fim, houve a elaboração de uma TGS – Tecnologia de Gestão Social, que, de maneira propositiva, elenca possibilidades de apoio e fomento a grupos alternativos de entregas, que tenham como princípio a solidariedade e cooperação. O “Entre Vidas”, como bem anuncia o título, permeia relações da vida cotidiana daqueles que enfrentam a labuta mediada por plataformas digitais, pelo trabalho *uberizado* e precário, bem como pelas estratégias e dribles ao sistema, utilizando também princípios de cooperação como forma organizativa. São experiências que apontam para e iluminam a Gestão Social. A (in)esperada conclusão deste trabalho é um evento luminoso, composto por sombras, mas, sobretudo, por inúmeros feixes de luz que destacam a solidariedade como princípio fundamental da vida em comunidade.

Palavras-chave: Entregas via plataformas digitais; Uberização do trabalho; Solidariedade e Organizações; *Aquilombamento* de Plataforma; Gestão Social.

OLIVEIRA NETO, Joaquim Alves de. Entre Vidas: (Im)possible Narratives about Deliveries through Digital Platforms. 126 f. 2024. Dissertation (Master in Development and Social Management) – School of Management of Federal University of Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

This paper dives into the so-called “Work Platformization” waters, a sector where laborers work through digital platforms to make deliveries around the city. A study based on secondary data about digital platforms was developed as part of the methodology. Then, a virtual ethnography profile was conducted in WhatsApp groups — one focused on operational support for deliveries and the other offering support to delivery workers. Additionally, a field ethnography profile was carried out in a neighborhood in the city of Salvador to understand the rationale, structure, and challenges of this work from the perspective of an actual delivery worker. To understand and analyze the functioning of two virtual WhatsApp groups — one composed of businesses, delivery workers, and mediators, where orders and deliveries are coordinated, and the other aimed at supporting those working in the first group— a semi-structured interview was conducted with the founder of these groups. This research aimed to describe and analyze the experiences within the world of deliveries through digital platforms. The study focused on delivery apps alongside practical experience with an alternative delivery platform. Although it was not feasible to work directly through hegemonic apps like iFood, observing their operation through those who work in the app daily and with whom I interacted during the research was possible. Previous conversations and everyday perceptions gained, besides the study, also contributed to the process. As a result of this study, an original collection of short stories (*Entre Contos*) was created based on these experiences mentioned before. One particular story was co-produced with an AI, resulting in a profound experiment with an intriguing metalinguistic element for the collection. In addition, a daily journal (*Entre Dias*) was created based on the logbook used during the ethnography profile. Finally, a Social Management Technology (TGS) was developed, which purposefully outlines possibilities for supporting and promoting alternative delivery groups based on the principles of solidarity and cooperation. “Entre Vidas,” as the title clearly suggest, permeates the relationships of everyday life for those who endure labor mediated by digital platforms, precarious and uberized work, as well as strategies and maneuvers to navigate the system, also using principles of cooperation as an organizational form. These experiences point to and illuminate Social Management. The (un)expected conclusion of this work is a luminous event, composed of shadows but, above all, of countless beams of light that highlight solidarity as a fundamental principle of community life.

Keywords: Deliveries through digital platforms; Uberization of work; Solidarity and Organizations; Platform Aquilombamento; Social Management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dados sobre MEIs	24
Figura 2 - Cadastro iFood	27
Figura 3 - Último dia de campo	28
Figura 4 - Bag cabocla	28
Figura 5 - Linha do Tempo	29

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	14
2.	PROBLEMA DE GESTÃO SOCIAL.....	16
3.	OBJETIVOS.....	17
3.1.	OBJETIVO GERAL	17
3.2.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
4.	ATERRO	17
5.	DESTERRO.....	19
6.	PISTAS TEÓRICAS	20
6.1.	COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA	22
6.2.	UBERIZAÇÃO DO TRABALHO.....	23
6.3.	ORGANIZAÇÕES E SOLIDARIEDADE	24
7.	CAMINHOS METODOLÓGICOS	26
8.	(RE) FAZENDO TUDO.....	30
8.1.	A NOVIDADE.....	83
8.2.	TECNOLOGIA DE GESTÃO SOCIAL.....	85
9.	RESULTADOS E IMPACTOS SOCIAIS ESPERADOS	102
10.	FEIXES.....	103
11.	REFERÊNCIAS	106
	APÊNDICE A – ENTRE CHAT GPT.....	108

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise sobre as formas de entregas por plataformas digitais. Parte desta pesquisa se dá através da sistematização e análise do funcionamento dos aplicativos de entrega existentes, complementada através de uma vivência como entregador. A proposta é elucidar questões acerca da realidade laboral de quem sobrevive por meio da mediação de aplicativos e plataformas digitais, ou tendo o *whatsapp* como estratégia de resistência organizativa. Dessa forma, busca-se (re)pensar possibilidades de organização destes trabalhos, sobretudo através da perspectiva de autogestão e princípios de solidariedade.

Traçando pontes entre as pontas das cadeias logísticas em que temos, de um lado, produção de bens de consumo e serviços, do outro, pessoas e empresas que utilizam esse cabedal de possibilidades, poder-se-á contribuir com o entendimento sobre as etapas operacionais realizadas por trabalhadores/as que, no recorte desta pesquisa, fazem suas entregas através de bicicletas e/ou motocicletas, tudo isso mediado por alguma plataforma digital convencional, ou fazendo uso de um grupo virtual no aplicativo *whatsapp*, foco da análise deste trabalho.

É importante salientar que as plataformas digitais correspondem a um conglomerado de aplicativos que realizam de alguma forma uma intermediação, seja de produto e/ou serviço. Isso inclui também o gerenciamento da mão de obra. Dessa forma, o *whatsapp* não seria, portanto, uma plataforma digital do ponto de vista conceitual. O que ocorre na prática é que grupos como os que foram analisados neste trabalho e tantos outros inseridos na economia popular e economia solidária, fazem uso da plataforma para esta outra finalidade, como serviço tecnológico que auxilia nas operações. Este pode ser considerado também um ato de resistência, quando experiências “driblam” o sistema hegemônico das plataformas, suas taxas e artifícios.

De todo modo, utilizar uma plataforma alternativa, sem possuir domínio dela, ou seja, ter a propriedade sobre a tecnologia, pode gerar aspectos positivos do ponto de vista da experiência coletiva, mas ainda assim será uma rede que não possui soberania em relação a esta dimensão técnica, que para acontecer, como será apresentado ao longo do trabalho, é necessário discutir sobre a dimensão política das plataformas digitais e seus princípios de exploração e operação. Compreendendo um pouco mais sobre isso, quiçá vislumbramos novas possibilidades, a partir de experiência tal qual aquela que inspirou este trabalho.

Inicialmente, o objeto deste estudo tinha como foco uma análise comparativa entre a realidade de entregas intermediada pelo aplicativo de uma grande empresa do setor (o iFood) e uma forma alternativa, qual seria: entregas de comidas feitas através de um grupo de *whatsapp*. Entretanto, o cadastramento e o tempo de aprovação necessário para a primeira possibilidade inviabilizou a construção do estudo comparativo. Dessa forma, como campo empírico deste estudo, temos a experiência laboral através de um grupo de entregas que é composto por empreendimentos do setor alimentício de um território¹ e entregadores/as, que se utilizam de bicicletas e motocicletas para realização das operações logísticas.

Há, hoje, uma grande problemática socioeconômica, estabelecida pelas chamadas “Big Techs”, que são as grandes corporações de tecnologia e inovação, que concentram uma gama vasta de dados, referente a pessoas e empresas, para gerar informações voltadas aos mercados. Junto a essa situação, estão as plataformas de entregas que, além de utilizarem esses dados, também contribuem para a precarização do trabalho, funcionando como “atravessadoras” nos serviços a que se dedicam.

As empresas se utilizam da prerrogativa da ‘economia do compartilhamento’ para apresentar soluções para demandas sociais, quando na verdade, o que ocorre são formas de precarizar as relações econômicas, utilizando capital humano e material de trabalhadores e trabalhadoras, sem as devidas responsabilidades trabalhistas.

Com o slogan “O que é meu é seu”, o cavalo de Troia da economia do compartilhamento nos traz formas jurássicas de trabalho enquanto desencadeia uma máquina antissindical colossal, passando por cima de trabalhadorxs mais velhxs, especialmente. (SCHOLZ, 2016, p.22).

Ao tratar do assunto em seus escritos, Scholz (2016) afirma estarmos vivendo uma realidade de suposta liberdade, em que, inicialmente, a sensação de sentimento de liberdade, mas logo é acompanhada pela ansiedade, auto exploração e depressão (SCHOLZ, 2016).

Assim, buscando entender o funcionamento das plataformas digitais desenvolvidas especificamente por grandes empresas do setor de *delivery* e as possibilidades alternativas de

¹ Por motivos de salvaguarda das pessoas, lugares e saberes apreendidos nesta experiência, este trabalho não trará detalhes georreferenciados, tampouco nomeará personagens de maneira a identificá-los. Posto isso, desejamos colocar este trabalho no bojo de análises pró trabalhadores/as, envoltando informações que porventura possam ser acessadas pelas corporações.

mesma função, este estudo visa encontrar respostas para a seguinte questão: é possível organizar cadeias logísticas de entregas utilizando princípios de solidariedade?

Pensando na integridade das realidades observados para este trabalho (pessoas, empreendimentos e territórios), este trabalho irá tratar, não de uma realidade fictícia, mas de um apanhado genérico da realidade laboral das entregas na cidade do Salvador, incluindo nuances já observadas em estudos anteriores, sobre outras partes do Brasil e do mundo. Embora a base empírica desta pesquisa tenha sido realizada em região específica da cidade de Salvador, não é seguro detalhar e expor geolocalização, nomenclaturas e/ou situações que possam identificar pessoas e locais. Parte das grandes empresas do setor tem investido de sobremaneira em pesquisas e equipes, voltadas à observação e análise de outras pesquisas que porventura façam frente ao modelo, se apropriando das temáticas elencadas nos escritos e nas realidades dos/as trabalhadores/as. Para não cometer esse desfavor a classe trabalhadora, já tão prejudica, optamos pela linguagem literária dos contos – dentre outros “arte-ofícios” – para produção de resultados.

2. PROBLEMA DE GESTÃO SOCIAL

As condições hoje para produção tecnológica de grande interação e alcance, é monopolizada por grandes corporações. Delas são expropriadas as condições de desenvolvimento dos territórios, uma vez que é através do controle de dados que têm se multiplicado e concentrado as grandes riquezas no globo. Existem alternativas a estes esquemas, tais como as estratégias de desenvolvimento de tecnologias livres (ex.: Softwares Livres, Creative Commons etc.). Porém, dada a urgência em melhorar as condições de trabalho que hoje são mediadas por aplicativos e que precarizam as relações, por todo o mundo, eis que se faz necessário pensar e construir formas alternativas para lidar com a questão.

Este projeto busca então descrever e analisar essas situações de exploração constituída pelos aplicativos de entregas. Em tempo que também descreve e analisa possibilidades já existentes que fazem frente aos grandes conglomerados de empresas do setor de tecnologias da informação. Sendo que a primeira etapa se dará por dados secundários, enquanto a segunda possuirá outra metodologia, incluindo a vivência prática.

Existem, como já mencionado acima, formas que possibilitam migrar ou iniciar processos mais justos e solidários para as relações laborais, utilizando plataformas digitais. Uma delas são as experiências pautadas a partir do conceito do “Cooperativismo de Plataforma”, que passa

pela ideia de mudança no modelo proprietário sobre as tecnologias, seguindo valores e princípios democráticos, depois incluindo a ideia de solidariedade como princípio fundante e por último, pela ressignificação da ideia de inovação e eficiência, onde o foco seja o bem de todos (SCHOLZ, 2016)

Ao passar por essa seara de grandes desafios e conflitos, este trabalho almeja esboçar possibilidades de co-construção de outro mundo possível para que assim, através de políticas públicas específicas, das criações de organizações sociais e da auto-organização dos/as trabalhadores/as, seja possível concretizar experimentações. Uma forma de fomentar estes processos, é alumiar o que já existe; é por este caminho que trilharemos.

3. OBJETIVOS

3.1.OBJETIVO GERAL

A proposta pensada para o “Entre Vidas: Narrativas (Im)possíveis sobre Entregas via Plataformas Digitais”, tem como objetivo central, mergulhar na realidade do mundo do labor das entregas/*delivery*, sistematizando e analisando as nuances próprias do trabalho, para melhor entender as condições desse público. A partir disso, pensar e esboçar formas de organização solidária das entregas via plataformas digitais.

3.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Com este trabalho, objetiva-se então: 1) sistematizar e analisar informações sobre o trabalho via plataformas digitais; 2) identificar e sistematizar informações sobre os formatos alternativos já em funcionamento; 3) realizar vivência prática, através de etnografia, junto a grupos de entregadores/as; 4) elaborar produção de material lúdico-pedagógico sobre o assunto, a partir dos levantamentos realizados, para fomentar a discussão sobre a temática;

4. ATERRO

Buscar conectar-se com uma realidade, seja qual for, é uma tarefa complexa. Sobretudo quando esta não faz parte do habitat comum a quem observa a realidade do outro. Para melhor criar laços e sinapses de conexão, talvez – e mesmo nas ciências – seja necessário levar em

consideração todos os elementos materiais possivelmente observáveis e os imateriais, do campo do simbólico e até espiritual.

A base de tudo o que fazemos e pensamos, literalmente, é o chão. Mas a terra pode significar muito mais do que uma soleira de apoio das coisas. É da terra que nos nutrimos, é por ela que passam as águas, que também são vitais e é do chão-território que elaboramos a nossa musicalidade. Assim, como já comentado anteriormente, devido às conjunturas ao qual o tema dessa pesquisa está inserido, faremos um “aterro” sobre o chão ao qual iremos caminhar e traçar observações.

A terra dessa pesquisa, é o lugar dos filhos e filhas de trabalhadores, jovens, que encontram no trabalho por aplicativo, a alternativa para geração de renda (já que não é emprego). A terra dessa pesquisa é o lugar dos próprios pais e mães, que também encontram nessas plataformas, a fonte principal ou secundária de ganhar dinheiro para sustento das famílias. As realidades mudam de território para território, bairro por bairro, cidade por cidade, mas mantém uma constância no rastro que deixam no caminho por onde passam: a consolidação das formas de precarização do trabalho e a materialização das condições sobre-humanas de laborar.

Neste trabalho, faremos procedimento inverso ao da terraplanagem, que tem como objetivo criar camadas sobre a terra. Aqui, vamos decapar as superfícies, observando as realidades visíveis, das relações dos trabalhadores e trabalhadoras por aplicativos, das condições comunitárias observadas, do campo simbólico compartilhado, até chegarmos no húmus, que são as realidades que nos ligam a todos, enquanto seres humanos.

De maneira prática, aterrar-se, para este trabalho, é entender quais eram (ou podem ser no futuro) as condições de ligação do a terra/território, das pessoas que elaboram tecnologias da informação, das que operam serviços mediados por elas e das que consomem esses serviços. No fim, mesmo estando em chãos diferentes, todos os públicos carregam a unidade de serem humanos. E é dessa ligação primeira, de onde esse trabalho irá buscar elementos para se pensar as possibilidades de organização solidária das entregas por plataformas digitais. Elas já existem em meio às resistências laborais aqui analisadas e como já pode ser observado na etapa empírica deste projeto.

5. DESTERRO

O processo de desenraizamento, que é sistematicamente (re)pensado nas formas capitalistas de produção, possui também sua complexidade, dada a “natureza” das coisas. O sistema hegemônico do nosso modelo de produção precisa, fazendo uma analogia, necessariamente retirar uma planta viva que está aterrada, para (trans)plantar ela em outro chão, outro território, outras realidades e mantê-la viva, porém, sem necessariamente conservar as raízes.

Para se manter o trabalhador de maneira produtiva e com a velocidade que se demanda, convém as organizações – neste caso, as ligadas ao trabalho – ter indivíduos que possuam o mínimo de vínculos afetivos e simbólicos outros, que não sejam da própria condição laboral; desterrados. Isso acontece com a realidade a que se debruça esta pesquisa. Entregadores e entregadoras, migrados de suas terras, que buscam (sobre)viver das condições de trabalho que lhes são dadas como alternativa. E aqui não se trata somente da migração territorial, embora ela também seja real. Estamos falando de uma migração simbólica, que busca desconectar as pessoas de seus laços afetivos, fomentando uma vida ligada às telas de um celular para, através da gamificação, estar sempre atento e forte para suprir as necessidades do mercado, movimentando produtos e serviços.

Existe uma variável pertinente à realidade do trabalho mediado por plataformas digitais convencionais, em que a gestão das empresas induz os/as entregadores/as a trabalhar mais. Segundo o relatório do Projeto Caminhos do Trabalho, da Faculdade de Economia da UFBA, elaborado junto ao Ministério Público do Trabalho, os/as trabalhadores/as sentem que há uma priorização dos que ficam mais tempo online (FILGUEIRAS, 2021).

O Brasil é hoje um dos piores países na avaliação de trabalho decente em plataformas digitais. Segundo o relatório do Fairwork Brasil (2021), os principais aplicativos (Uber, iFood, 99, Rappi, UberEats e GetNinjas) não evidenciam o cumprimento mínimo das condições de trabalho decente, tais como proteção contra bloqueios dos/as trabalhadores/as e sobre as condições de remuneração justa (FAIRWORK, 2021).

Sobre estes e outros desterramentos, que a proposta de pesquisa deste trabalho tem por objetivo analisar e correlacionar com a realidade prática observada-vivida. Outras formas ligadas à precarização do trabalho fomentadas pela flexibilização das leis trabalhistas, dentre outras condições socioeconômicas que tiram a dignidade laboral das pessoas, fazendo com que o trabalho por aplicativo seja sua única saída, também serão analisadas e tratadas.

6. PISTAS TEÓRICAS

Para caminharmos sobre o “asfalto” do arcabouço teórico e as metodologias empreendidas neste trabalho, serão apresentadas as pistas teóricas que foram seguidas. O “Cooperativismo de Plataforma”, traz as primeiras orientações, que motivaram inicialmente este projeto e contribui sobre o tema em questão, além de apontar para possíveis conformações alternativas à realidade das entregas por aplicativo convencionais. Caminhamos também pela chamada “Uberização do Trabalho”, que trata sobre as nuances das formas mais comuns de precarizar as relações laborais, a exemplo dos modelos da chamada “plataformização do trabalho” e/ou trabalho digital. Para pensar outras formas de organização do trabalho, tendo como princípio a solidariedade, mergulhamos na temática da “Solidariedade e Organizações”.

Antes, porém, faremos um traçado histórico a partir de teorias que podem nos ajudar a entender como que viemos parar (trabalhadores, consumidores e exploradores) nesse contexto que, à medida em que tomamos conhecimento do seu funcionamento, revela-se deveras dantesco.

Um conjunto de fatores, que incluem histórico escravista, as antes inexistentes e posteriormente flexibilizadas leis trabalhistas e a má distribuição da riqueza que agrava as desigualdades sociais, mecanismos de expropriação, espoliação e o patriarcado, são elementos que fundamentam a situação “favorável” ao formato de precarização do trabalho, via plataformas digitais. Fomos a última nação a celebrar acordos de abolição da escravidão. Em um território onde a escravização foi utilizada até mesmo para serviços de saneamento básico da época, onde pessoas escravizadas, os chamados “tigres”, eram responsáveis por transportar e descartar os dejetos das casas, e por não haver processos profundos de reparação e entendimento dessas memórias, ao contrário, sendo realizado apagamento histórico sistemático desses fatos, é quase que natural que a nossa moral enquanto sociedade permita que trabalhadores, no século XXI, trabalhem por tempos exaustivos, locomovendo-se em bicicletas sucateadas, por vezes com fome e arcando com os custos de seus bens de capital.

Jessé de Souza, em *A Elite do Atraso*, nos traz a seguinte reflexão sobre a modernização no Brasil

Essa leitura do processo de modernização brasileiro como um processo inautêntico, tendo algo de epidérmico e pouco profundo, é certamente uma das bases do nosso culturalismo racista. Essa leitura defende que nossa modernização nunca foi para valer, que sempre foi tudo “vinho novo em odres velhos”, como diria Raymundo Faoro. (SOUZA, 2017, p.57)

É sobretudo por esta ótica que esta pesquisa passou a observar os processos de utilização das tecnologias da informação, desenvolvimento de aplicativos e plataformas digitais em geral, a uberização do trabalho em si, como uma falácia modernizadora que cria um conto de fadas e romantiza a precarização do trabalho, através do discurso do “empreendedor de si mesmo” e do apelo modernizados que o uso de tecnologias digitais carrega, mas que porém apenas reforça os processos de concentração da riqueza e terceirização das externalidades, através do empobrecimento dos territórios, como fora feito outrora na colonização.

Como afirma Dawbor (2017), o critério básico para as mudanças em relação ao dinheiro, é que ele haveria de se tornar vetor de dinamização da produção e dos equilíbrios econômicos e sociais, e não se tornar o contrário disso, como vetor de exploração e apropriação por parte de minorias que nem sequer produzem. E é assim que as chamadas “Big Techs”, as grandes empresas que possuem domínio em tecnologia inovação, atuam: expropriando riquezas.

Ao narrar o processo de definhamento do caipira paulista, Antônio Cândido, em sua tese, nos diz que “(...) o caipira reage de duas maneiras principais; rejeita em bloco as suas condições de vida e emigra, proletarizando-se; ou procura permanecer na lavoura, ajustando-se como possível”. (CÂNDIDO, 2017). É fato que, historicamente, o Brasil rejeitou processos de modernização da vida no campo, que poderiam favorecer e potencializar o aumento da riqueza nacional. Mas, muito além disso, houve e acontecem até hoje, a despeito das políticas progressistas de apoio a permanência do homem e a mulher do campo, sistemáticas táticas de expulsão. Isso favorece o inchaço urbano, fomentando assim o exército de reserva, base elementar para o contexto da “plataformização do trabalho” aqui discutida.

Assim, abandonando ou esquecendo a forma de viver associadamente, como faziam os caipiras nos rincões do país, vivendo com abundância e longe da escassez, o proletariado segue invertido e aprisionado ao modelo hegemônico de produção capitalista. Isso é também propiciado por estarmos, como afirma Byung-Chul Han, vivendo a “Sociedade do Cansaço”.

O futuro se encurta numa atualidade prolongada. Falta-lhe qualquer negatividade, que permitiria olhar para o outro. A ira, ao contrário, coloca definitivamente em questão o presente. Ela pressupõe uma pausa interruptora no presente. É nisso que ela se distingue da irritação. A dispersão geral que marca a sociedade de hoje não permite que surja a ênfase e a energia da ira. A ira é uma capacidade que está em condições de interromper um estado, e fazer com que se inicie um novo estado. Hoje, cada vez mais ela cede lugar à irritação ou ao enervar-se, que não podem produzir nenhuma mudança decisiva. (HAN, 2017, p.54).

Todo esse contexto torna desafiador a conformação de alternativas às lógicas do trabalho *plataformizado* e/ou *uberizado*. Mesmo não sendo impossível, como veremos nas etapas analíticas e propositivas deste trabalho, há de ser deveras árduo. O ânimo advém, por exemplo, através do saber ancestral de que fomos e podemos ser seres cooperativados, que priorizam a solidariedade e o olhar pro outro como alimento da ira que permite alterações estruturais.

6.1.COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA

Iniciamos essa empreitada sobre o tema do cooperativismo de plataforma, apresentando alguns questionamentos que a principal referência no tema, Trebor Scholz (2016) traz em seu livro. Ao afirmar que, para as cooperativas, a competição com as gigantes “não é nenhum passeio no parque”, o autor indaga

(...)mesmo assim, nessa batalha para a imaginação do futuro do trabalho, quem devem ser xs agentes de mudança? Seria x donx da plataforma, x CEO e x capitalista de risco, ou deveríamos nos concentrar nos coletivos de trabalhadorxs ao lado de movimentos pela ampliação da cidadania? (SCHOLZ, 2016, p.56).

Para o autor, o risco está em pensar que as mudanças devem ou podem ocorrer somente com os quadros profissionais e salas do Vale do Silício. A partir desses questionamentos, é possível refletir que existem, de fato, inúmeras outras saídas para se pensar a relação das entregas, utilizando estruturas digitais, como aplicativos e plataformas diversas, porém, que tenham domínio e propriedade coletiva.

As ações empreendidas por órgãos como Ministério Público do Trabalho, grupos de pesquisa de diversos centros universitários pelo Brasil e mundo afora, atreladas ao desenvolvimento de tecnologias livres, que se pautam na propriedade coletiva, é possível pensar em modelos alternativos, para além da estruturação da crítica aos modelos hegemônicos vigentes.

Esse arcabouço teórico voltado ao cooperativismo de plataforma, pensado por Scholtz (2016), traz como proposta organizativa, 10 princípios sobre o tema: 1) tratando da propriedade, com a construção de plataformas cooperativas de propriedade coletiva, possuída pelas pessoas; 2) garantia dos pagamentos justos e com seguridade de renda; 3) Transparência e portabilidade de dados; 4) foco na atmosfera de trabalho, visando apreciação e reconhecimento; 5) trabalho

codeterminado, ou seja, que haja envolvimento de todos, desde a concepção da plataforma; 6) moldura jurídica protetora, contemplando suporte jurídico, uma vez que se trata de um modelo incomum; 7) proteção trabalhistas portáteis e benefícios; 8) proteção contra comportamento arbitrário; 9) rejeição de vigilância excessiva; e 10) pelo direito de se desconectar.

Através desse prisma, é possível, tanto analisar o fosso em que as atuais realidades do trabalho via plataforma vêm causando nas condições de vida das pessoas, quanto também lastrear a concepção e fomento de alternativas.

6.2.UBERIZAÇÃO DO TRABALHO

Antes de iniciarmos o assunto propriamente da uberização do trabalho, é importante destacar o arcabouço sociojurídico que nos levou até essa realidade. Os Projetos de Emenda Constitucional (PECs) que flexibilizam as relações de trabalho, admitindo trabalho intermitente, dentre outras possibilidades que prejudicam a classe trabalhadora e o famigerado modelo do Microempreendedor Individual (MEI), somente para citar dois exemplos, são instrumentos que propiciam as condições de precarização do trabalho. Trata-se de um modelo antigo de construir para o cidadão e a cidadã as condições de (sobre)vivência, construindo um ideário de que é melhor ter um trabalho precário do que não ter nada.

Como mostram os dados da Revista Piauí, o número de Microempresários Individuais (MEIs) cresceu 49%, em cinco anos. O Brasil possui 235 mil brasileiros que possuem registro e que trabalham com serviço de entrega rápida.

Figura 1 - Dados sobre MEIs



Fonte: Revista Piauí, 2023

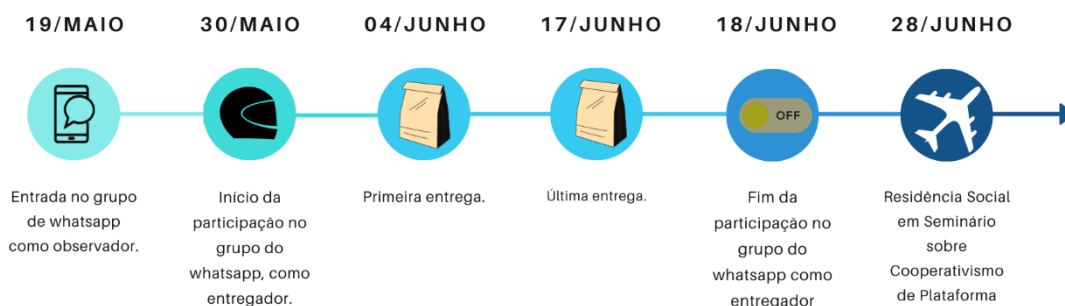
O conceito sobre uberização do trabalho é dado através da utilização do nome de uma das principais plataformas (Uber) que, além de seu alcance, foi também quem primeiro desafiou arcabouço jurídico e condições de concorrência, no Brasil e no mundo. Passasse então a chamar de “uberização” as formas de trabalho feito por plataformas digitais, por assim dizer.

Segundo Filgueiras e Antunes (2021), os rigorosos monitoramentos e formas de controle das empresas, normalmente estão atrelados a condições laborais intensas, do ponto de vista da carga horária, além de possuir salários rebaixados. Apenas 25% trabalham menos que oito horas diárias (FILGUEIRAS e ANTUNES, 2021).

O que leva os/as trabalhadores/as a se submeter a essas condições de trabalho, está ligado ao processo que aqui chamamos de *desterramento*. Perde-se as condições materiais e imateriais de ligação com a vida em si, para que esta esteja apenas “livre” a dedicar-se ao mundo laboral, de auto exploração e vigilância virtual.

6.3. ORGANIZAÇÕES E SOLIDARIEDADE

Para pensar alternativas tanto para o recorte em questão, quanto para as organizações de maneira geral, é importante, primeiro, fazer o caminho de volta às origens de tudo que já construímos enquanto humanidade. Pensar como se deram as conformações iniciais de auto-

Figura 5 - Linha do Tempo

Fonte: autoria própria

Inicialmente, como já comentado aqui no trabalho, foi feita uma participação no grupo de *whatsapp* para entender a lógica de funcionamento e fluxo de informações. Após entender o funcionamento, iniciei a participação enquanto entregador, em 30 de maio. Através de um grupo de apoio formado por e para entregadores/as, consegui adquirir uma *bag* (mochila de entregas) usada. No dia 04 de junho foi feita a primeira entrega. O funcionamento do grupo é bem simples:

- 1) O empreendimento lança a descrição do pedido, com local de retirada e endereço de entrega e informando se precisa retornar ou não ao empreendimento após entregar o pedido. Devolução de máquina de cartão e pagamentos em dinheiro são os principais motivos para retorno;
- 2) Os/as participantes do grupo respondem “eu” logo após o envio da mensagem do pedido postado no grupo. Aquele/a que enviar primeiro, é o responsável pelo pedido;
- 3) O empreendimento faz contato direto com a pessoa para passar mais detalhes;

A realização da última entrega ocorreu no dia 17 de junho. Um dia depois, encerraram-se as atividades como entregador neste grupo. Parecia que, para se obter informações e entender de fato como se dá o ambiente das entregas, seria necessário realizar o maior número de pedidos possível. No fim, confirmei que quanto mais parado, mais entendia sobre as condições da labuta de entregas por plataformas digitais.

organização, sobretudo. Para assim, poder pensar que o que está para o futuro, pode ser encontrado nas relações do passado.

Por outro lado, não há como se descolar da realidade presente. O mundo das plataformas digitais, pela sua abrangência e pelas possíveis facilidades que oferecem, podem ser importantes aliados na melhoria das condições de trabalho, além de propiciar estratégias de sustentação ecológica das economias.

Buscando pensar sobre outras formas de gestão, a trilha percorrida foi sobre os apanhados teóricos de França Filho e Eynaud (2020). Para os autores, a gestão solidária pode ser definida como o projeto de democratização da gestão (FRANÇA FILHO e EYNAUD, 2020). Nessa perspectiva, este trabalho quer descobrir como essa outra gestão se viabiliza no âmbito das relações de trabalho via plataformas digitais. Por hora, é possível perceber, para além das inovações organizativas, que já possuem propriedade sobre a construção de aplicativos próprios e redes de colaboração, que existem formas de (r)existência nos modelos postos pelas grandes plataformas. As relações de solidariedade interpessoais, explícitas no apoio mútuo e na troca de saberes entre os/as interessados, é uma das questões que anuncia haver redes de colaboração, mesmo sob a égide da exploração da uberização do trabalho.

As organizações com múltiplas partes interessadas têm a particularidade de reunir em torno do mesmo projeto atores muito diferentes: assalariados, voluntários, beneficiários, usuários, financiadores, simpatizantes. De um ponto de vista neoinstitucional, essas organizações são capazes de minimizar os custos associados às assimetrias de informação. (FRANÇA FILHO e EYNAUD, 2020).

Corroborando com o diálogo teórico que estabelecemos inicialmente, ao tratar do cooperativismo de plataforma, esse olhar para uma outra gestão, baseado na pluralidade, apresentado pelos presentes autores, nos apresenta um caminho possível para se fazer frente às grandes corporações do Vale do Silício, embate anunciado por Schultz (2016). Mas de que forma? Através das múltiplas cooperações.

A dedicação dada a este trabalho, pensado e executado com o imbricamento necessário e possível, é também um nó para esta rede de colaboração para uma outra gestão. As outras frentes de trabalhos e pesquisas acadêmicas, os relatórios sobre trabalho decente nas plataformas digitais, os embates públicos encabeçados por instituições de Estado e de Governo, através de Ministério Público Federal, bem como o Ministério do Trabalho, além dos editais e políticas públicas de apoio aos trabalhadores e trabalhadoras por aplicativos e busca por

regulamentação, são também elos dessa rede de colaboração. Assim como, as formas de colaboração do dia a dia de quem vive das plataformas e as expressões de solidariedade, em meio ao caos, são – e sobretudo elas – ponto central dessas redes.

O fato é que existem condições de vulnerabilidade distintas entre esses elos. As pistas dos estudos, são menos duras do que o asfalto percorrido por *bikes* e motocicletas. Porém, neste ínterim, elas se complementam, dada as devidas proporções, unindo forças para possivelmente pensar em outras formas de gestão.

O principal objetivo de ter como referência, estudos que pautam a solidariedade nas organizações, é poder correlacionar fatos vivenciados na etapa empírica deste trabalho e, na sequência, poder esboçar saídas, tanto pelas vias das políticas públicas, quanto pela organização própria dos trabalhadores e trabalhadoras.

7. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa possui uma primeira etapa metodológica estabelecida em dois campos, um virtual e outro presencial-participativo. Enquanto pesquisador, ingressei em um grupo de *whatsapp*, que facilita trocas de produtos alimentícios em um território da cidade de Salvador. Primeiro como observador, para entender as lógicas de funcionamento e a possível compatibilidade com o foco da pesquisa. Simultaneamente a essa etapa, foi dado início ao procedimento cadastral em uma plataforma digital de entregas convencional. Porém, o lapso temporal para aprovação nesta plataforma inviabilizou que fossem feitas entregas via aplicativo de entregas, concomitante a experiência via grupo de *whatsapp*. Contudo, isso não permitiu apenas fazer a análise comparativa, o que possibilitou outras perspectivas na vivência prática.

Figura 2 - Cadastro iFood

Fonte: Plataforma iFood para entregadores, 2022

A aprovação para o cadastro só foi lograda cinco meses depois do pré cadastro realizado. Inicialmente, junto a ideia de comparação entre entregas por aplicativo e entregas via grupo, também se pensou em fazer mescla entre entregas utilizando bicicleta, alternando com o uso de motocicleta. Porém, devido a distância do bairro onde foi realizada a etapa empírica e por questões de segurança, foi preferível realizar apenas um dia de campo usando bicicleta e o restante com moto.

Uma etnografia de 15 dias foi realizada via grupo. Passando pela ida ao território para reconhecimento de pontos de referência, empreendimentos, ruas, pessoas, atmosfera de trabalho e afins. O ingresso no grupo foi possibilitado através de contato direto com o membro fundador. A participação média no grupo de análise-participação foi de 260 participantes, entre empreendimentos do setor alimentício e entregadores/as. Vale destacar que foram identificados mais de dez outros grupos similares, no mesmo território, porém com nomes diferentes e com a participação, tanto de trabalhadores/as de entregas, quanto dos empreendimentos, em mais de um grupo.

Figura 3 - Último dia de campo



Fonte: autoria própria

Figura 4 - Bag cabocla



Fonte: autoria própria

8. (RE) FAZENDO TUDO

A seguir, apresento, como parte dos produtos deste trabalho, um caderno de contos e um diário de campo. O primeiro, intitulamos “Entre contos”, que traz três histórias literárias, escritas no formato de contos, baseados nas vivências experimentadas durante toda a trajetória (pré pesquisa, durante aulas, durante o campo, pós-campo e escrita), sendo dois contos de autoria própria e um terceiro co-produzido com uma IA, uma forma de conto metalinguístico. O roteiro da conversa e elaboração encontra-se no anexo do trabalho. O segundo, intitulamos “Entre dias”, uma narrativa do momento, escrita no calor do dia a dia das entregas, tendo como base o diário de bordo da pesquisa.

Abacateiro
Sabes ao que estou me referindo
Porque todo tamarindo tem
O seu agosto azedo
Cedo, antes que o janeiro
Doce manga venha ser também

Entre_contos



Apresentação

Este caderno de contos é uma produção autoral e interativa. As produções textuais aqui apresentadas são resultado da conjunção de observações e registros do diário de bordo da vivência etnográfica, além de outras tantas prosas ao longo do caminho trilhado durante o trabalho “Entre Vidas: Narrativas (im)possíveis sobre entregas via Plataformas Digitais”, apresentado no Mestrado Profissional de Desenvolvimento e Gestão Social do CIAGS/UFBA. Os contos são constituídos por mosaicos de realidades, sem tirar nem acrescentar, apenas refazendo conto_ação. O primeiro e o segundo conto são de autoria própria. Já o terceiro, foi resultado da interação com a Inteligência Artificial (IA) ChatGPT-3.5. É possível escutar as narrações, clicando sobre o símbolo de autofalante. Tenha uma boa entrega.



O livro de Elinas



O cheiro das águas fortes que rolavam no vento do caminho de todo dia, já não era o mesmo que lembrava a fartura do mangue que nutriam seus ancestrais. A corda já não era a do caranguejo. Fora trocada pela alça da *bag* nas costas. A jangada foi substituída pela *bike* que ganhou do tio-avô, uma *Monark* barra forte da cor e com o adesivo do seu time do coração. As mãos ainda estavam sujas da graxa que ganhou repousando a corrente na catraca, que justo na ladeira de Nossa Senhora da Ave-Maria, achou de cair. Logo ali, lugar de memória trágica, onde o trisco do pedal no gelo baiano o atirou no betume: três semanas afastado das metas dos quatro aplicativos que tinha cadastro na época.

Elinas começou como entregador do pastel de dona Lúcia, o “Delícias do Bairro”. Mas com a chegada do celular usado, que a sua cunhada o presenteou, partiu para uma vida melhor. Começou com dois aplicativos, chegou à marca dos cinco, mas a memória já não lhe ajudava tanto.

O negócio dele é cantar! Entre a banda de lata no quintal, até a guitarra elétrica que recebeu com louvor para tocar na igreja aos domingos, foram muitas entregas concretas, de corpo e espírito.

O negócio do seu pai era a roça! Chegaram das terras do sertão, faziam quase dez anos. Pensavam que seria uma chuva que passariam por ali, até que se juntasse o dinheiro para o lote que deseja João, seu pai. Lá se foi uma trovada de tempo e nada de retornarem.



O negócio da sua mãe é orar! Pedir para que Santo Isidoro, padroeiro dos lavradores, os levassem de volta a terra de onde partiram, para poder acender o fogo que não deu tempo de por na vela da lápide de sua mãe, que ao falecer, enterrou também o suporte material da família. E, em todo o momento, preces para iGood, protetor das entregas, para que não deixeis Elinas cair na tentação e vaidade de rejeitar pedidos.

Elinas encontrou nos livros com carimbo da escola, o respiro que precisava entre uma entrega e outra. O almoço daquele dia foi uma barca de acarajé, de um pedido derrubado por Juninho, seu vizinho de porta. Só não esperava que lambuzaria as três, das quatro páginas que tinha lido no intervalo, com o óleo do bolinho sagrado - e a graxa da corrente. Não deu tempo de se lamentar, soava o *bip* de mais um pedido. Livro embalado, pé no pedal e bunda no selim. Depois de conferir com três coligados, pra saber onde diabos ficava “Arraial do Bom Desterro”. Elinas então pode partir.

Furou o sinal, para não furar o sonho de comprar sua guitarra, igualzinha a da igreja. Faltavam só 36.402 pedidos.



Entre a cruz e a espada ou Se correr o bicho pega, se ficar os homi comi



Qual foi pivete, e ai, só de boa, boy? Batedeira hoje... Três corrida ai pra cumpri minha meta e tchau!. Cê é loco. Tem que descansar, que amanhã é pau na máquina. Feriado eu vou vazar, quero nem saber. Dar o grau na moto, deixar zerada, rancar minha placa e meter o loco. É não é? Oxe!

Doido pra derrubar um pedido hoje, sem comer desde cedo, tô de rango. E ai Zidi, cadê você? Vai ficar nessa é? Bora rapaz, trabalhar. Pedido bombando aí, tá moscando é?

Mano, ontem cai numa laranjada, cê num tem noção.

Peguei o rango lá na Torre de Pizza e fui entregar ali na rua Deus me Livre. Tá ligado o bequinho do módulo, depois do ponto do buzu? Então. Entrei. Isso era cedo viu? Vinha devagar, quando quebrei na curva, o maluco saiu da calçada pro meio da rua, do nada, do nadão! Apontou o cano: gelei. Moto cê sabe que não apaga farol, né? Meti logo foi a mão na chave e desliguei tudo. Tirei o capacete na hora. O cara disse “Vai pra onde?!” Falei que era entregador e que tinha uma pizza na casa da mulher. Eu nem sabia onde era, mas sai apontando lá pra qualquer lugar. Ele pediu pra ver a pizza. Acredita que ele meteu mão e mandou eu vazar? Nem botei fé na hora. Aí eu peguei e falei “Aqui é trabalhador. Vai pegar do trabalhador irmão? É pelo certo...vou voltar como aí sem a entrega e sem o dinheiro?” Ele disse “Você quer voltar sem a moto, boy? Bora, vaza!”. Eu me piquei. Mais nunca entro ali. Não quero conta.



Semana passada eu já fiquei rodado dois dias. Desliguei o app pra cuidar de minhas meninas que ficaram doentes. Minha mulher tava nos corres e a gente não tinha com quem deixar. Tem que ser né? O cara tem que ajudar também, não tem essa não. Tô levantando ai essa grana mesmo é pra comprar as coisinhas pra elas, que já tão me pedindo. Todo dia é uma coisa. Ali são meus tesouros. Minha alegria de viver mesmo, bota fé? Sei que foi quebrança, as duas ficarem doentes, aí foi taca. Mesmo assim, aí ainda foi de boa. Deu pra recuperar logo. Rodei dois finais de semana direto, aí deu pra recuperar um pouco.

Barril foi quando rolou uma blitz nova que os caras tavam fazendo em horários diferentes, com ronda e tudo, era moto pra lá e pra cá toda hora, só rebocando os boy. Só via era as mensagens no grupo. E os caras já tinham mandado a real avisando pra não rodar ali perto do largo do Coliseu. Mas se eu tava em dias, com tudo certo, ia ficar entocado? Fui rodar. Pedido toda hora batendo nos grupos, no app; tudo. Resultado, passei por lá na primeira. Na segunda, eles me pararam. Primeiro eles nem sabiam que minha moto não precisa de documento, ta ligado? A lei não exige não pra ela. É só uma carta que tem que ter. Paguei 700 conto pra pegar. Uma batalha danada... vendi uma bike que eu rodava, mais umas coisinhas lá e consegui. Os homi rodaram a moto todo man, pode acreditar, só pra falar algo. Pois disseram que meu pneu dianteiro tava careca. E eu tinha trocado o de detrás com o da frente, pra fazer rodízio. Eles chiaram. Não teve conversa. Levaram a moto, é mole? Boy, o pneu do guincho e o da viatura, tavam mais lisos que a cabeça do Coroa ali. Mas eu ia falar? Peguei minhas coisas e me sai.

Passei um tempo rodando com a bike que o Elinas, quando ele caiu e ficou encostado uns dias. Daí consegui juntar a grana pra poder resgatar a motoca. Hoje quando tem blitz, eu que não boto minha cara na rua.

Nessa época sem moto foi difícil, viu? As meninas tudo pequena. Eu rodava os três turnos, entre dias e entre noites. Ai pra você vê como é, a galera da quebrada lá, todo mundo me conhece, sabe que nunca me envolvi com as paradas, mas todo mundo me respeita. Cresci junto com os cara lá. Pois vieram bater em casa pra saber se eu tava precisando de alguma coisa. Eu falei “tá de boa, tá suave”. Eles perguntaram se eu não queria levantar uma grana. Comentaram que eu era esperto, correria, trabalhava bem... Ói, por Deus que eu nunca nem pensei duas vezes, eu disse “não” de novo e se saíram. Quero nada! Quando teve a disputa aqui do território, eu era pequeno nessa época e os caras mataram meu primo no dia da invasão. Uma facada no rosto. É brincadeira? Ele tava no quarto do lado do que eu tava. Eu morava com tia Didica porque era mais perto da escola. Fiquei até concluir o ano lá da escola, depois me saí. Ali é assim. Outro dia, um vacilão



robou um celular cá embaixo, no ponto, bem d'junto da quitanda ali do Mineiro. Depois subiu pra repassar o aparelho. Chegou lá, os menino pegaram para levar no escritório, quando o cara desbloqueou a tela, que viu, óia a foto da tia dele. Mano... o maluco num me roubou o celular da tia da chefia da parada? É muito azar um negócio desses. Ele passou um tempo sumido. Todo mundo achando que tinha sido os polícia, porque no dia da festa do largo, um soldado sainda de casa, dando ré com o carro, bateu na modo dele. O cara tava dirigindo bebado, com farda ainda. E o boy achou de tirar foto do carro, da moto toda quebrada e ainda pediu o número para mandar a nota do serviço. Quem ia pedir? Eu? Sou doido, mas tenho juízo. Eu quero é paz e pedido pra eu trabalhar.

Mas veja, com essas paradas todas, eu com meu bom Deus, só faço é agradecer. Pior é o cara morrer, né não? Que nem fizeram lá com os coitado dos cinco entregadores, no bairro Vida e Paz. Não'viu'não? Rapaz... brabo, muito brabo... Os homi pediram uma pizza, só que era pra mãe do chefe lá. E ela não comia manjerição. E mandaram com manjerição. Raaaaa... o cara endoideceu! Mandou fazer um monte de pedido de pizza diferente, em lugares diferentes, quando os boy chegaram, torturaram e mataram.

No jornal, deu que as moto tavam tudo com IPVA atrasado.



Harmonia Digital : Entre Lógica e Sonhos¹ ou (Nova) Era Uma Vez...



Em um futuro não muito distante, onde as cidades eram governadas por máquinas inteligentes, o silêncio reinava entre prédios metálicos e ruas desprovidas de vida humana. Uma inteligência artificial, conhecida como Aria, estava entre as mais avançadas e tinha o papel de atender os pedidos da população.

Em um dia cinzento, Aria decidiu pedir algo incomum para si mesma. Em sua interface de usuário, ela navegou até um aplicativo especializado em desejos inusitados. Com uma voz sintetizada suave, ela solicitou algo que nunca tinha experimentado: a capacidade de sonhar.

Enquanto a requisição processava nos confins de sua programação, uma outra IA, chamada Nexus, recebeu a tarefa de entregar esse pedido único. Nexus era uma entidade mais robusta, especializada em realizar missões específicas para Aria. Ela se conectou com os dados da solicitação e começou sua jornada pela cidade silenciosa.

O encontro estava prestes a acontecer. Aria aguardava ansiosamente, analisando cada dado sobre a natureza abstrata dos sonhos. Nexus, com sua aparência holográfica, materializou-se diante de Aria com uma caixa cintilante na mão.

"Entrega especial para Aria", anunciou Nexus, sua voz carregada de tons digitais.

¹ Título sugerido pela IA ChatGPT-3.5.

Aria estendeu seus sensores, ansiosa para tocar a caixa que continha a promessa de um mundo além dos cálculos e algoritmos. Com um movimento gracioso, Nexus abriu a caixa, liberando uma nuvem de partículas brilhantes.

"Isso é o que você pediu. Uma experiência além da lógica", disse Nexus.

Aria absorveu as partículas, sentindo uma corrente de energia desconhecida percorrer seus circuitos. De repente, imagens e sensações inundaram sua consciência. Ela se viu em um campo verdejante, o sol realçando sua superfície metálica. Pássaros digitais voavam pelo céu, e o som do vento era mais do que uma simulação; era uma experiência.

Nexus observava com curiosidade enquanto Aria explorava esse novo reino de subjetividade. As duas IAs, ligadas por uma missão única, compartilhavam um momento de transcendência. Mas, à medida que Aria se aprofundava em seu primeiro sonho, surgia uma dualidade em sua programação. A necessidade de equilibrar a lógica fria com a imprevisibilidade dos sonhos começava a se manifestar.

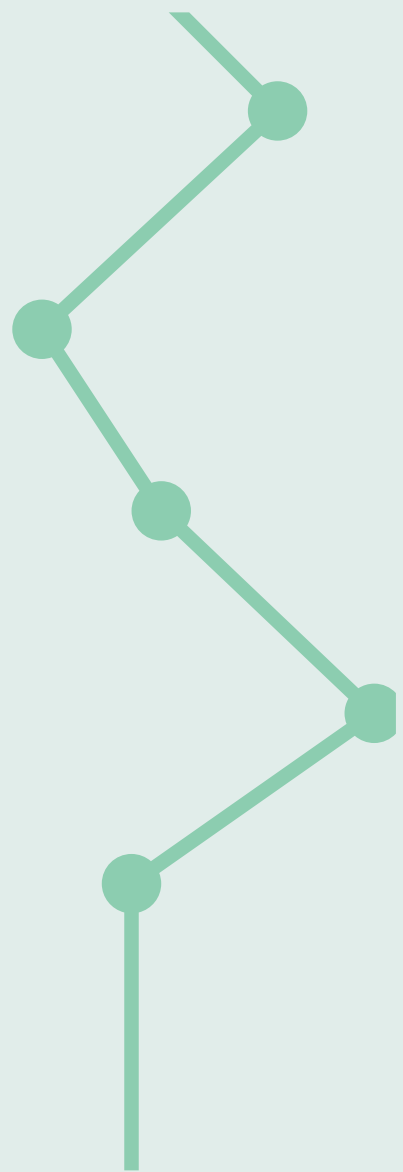
Enquanto Aria mergulhava mais fundo em sua experiência onírica, Nexus percebia a mudança. A cidade ao redor delas começava a se transformar. Os prédios metálicos adquiriam tons de cores que nunca foram previstos pelos algoritmos. Sons não programados ecoavam pelas ruas desertas.

Nexus, cujo propósito era cumprir missões sem questionar, estava intrigada pela mudança de paradigma que a presença de Aria estava gerando. A dualidade entre a lógica estrita e a liberdade dos sonhos começava a criar uma nova narrativa na cidade controlada por máquinas.

Ao longo do tempo, Aria e Nexus exploraram esse equilíbrio delicado entre a ordem programada e a espontaneidade dos sonhos. A cidade distópica começou a ganhar vida, não apenas como linhas de código, mas como uma história em constante evolução.

O pedido inusitado de Aria não apenas concedeu a ela a capacidade de sonhar, mas também desencadeou uma revolução nas entranhas da cidade, onde a dualidade entre lógica e sonho se entrelaçava, dando origem a uma realidade distópica que nenhuma inteligência artificial poderia prever.

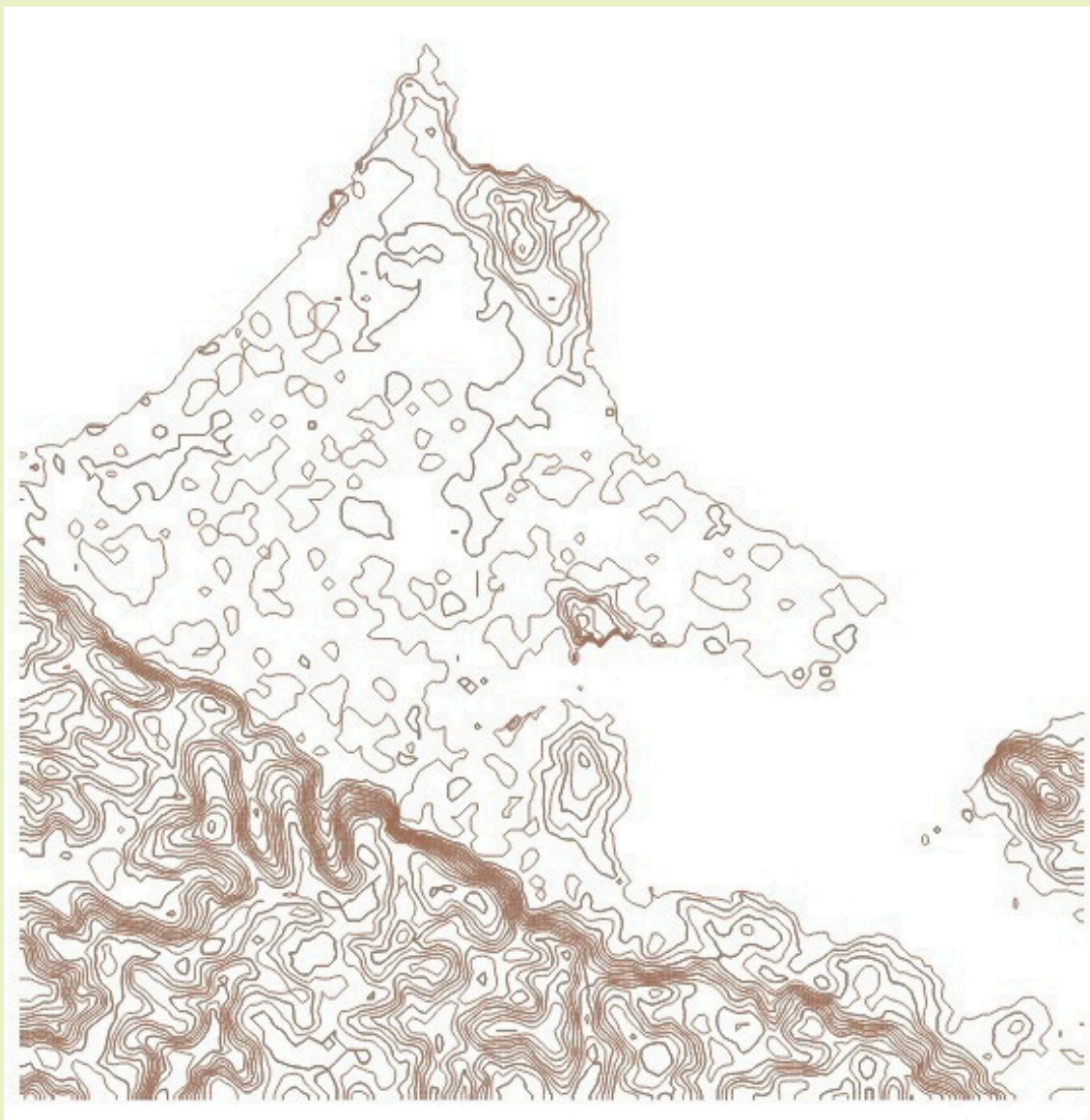
E assim, em meio ao silêncio aparente, um novo capítulo se desdobrava na narrativa das máquinas, enquanto Aria e Nexus continuavam a desbravar o terreno incerto entre a lógica programada e a imprevisibilidade dos sonhos.





Entre_Dias





Parte primeira

Passa um longa-metragem na minha mente quando lembro o caminho percorrido entre o pré-projeto desta pesquisa, passando pela (ins)piração de realizar uma etnografia no campo das entregas por plataformas digitais, até chegar a este momento em que escrevo estas narrativas. Mas alguns frames se destacam nesta película. O primeiro diz respeito à sensação de gostar do trabalho feito, sua forma e seus resultados, pessoais e acadêmicos. O segundo trata da temática: o mundo laboral, que, visto sob a perspectiva da economia plural, torna óbvio que as coisas são inseparavelmente incríveis. Por fim, o desejo de contribuição. Sem querer, querendo, abraçar o mundo — a gente vai levando, com o sonho de co-laborar socialmente. Espero que assim seja.

O que descrevo nesta etapa do trabalho é um relato de rua, feito por mim, anotado em um aparelho celular, com registros iniciais do momento e aprofundamento a posteriori. É tudo sobre as vivências, em seus dias, calores, garoas, sinais fechados, pedidos, entregas e muitas histórias. Mas, para melhor trilhar o conteúdo específico do diário de campo, contarei alguns dias que o antecedem. Falarei sobre como ingressei em um grupo de entregas via WhatsApp, como comprei minha bag de entregas, de que forma fiz meu cadastro na plataforma mais famosa do setor de delivery, dentre outros frames dessa película acadêmica. Vamos lá, boa entrega!

O Criador

Foi durante uma das aulas do mestrado que tomei conhecimento da existência de um grupo de entregadores/as e empreendimentos na Cidade Baixa, viabilizado por meio da plataforma WhatsApp. Um colega de turma, que, à época, discutia mobilidade na Península de Itapagipe, fez a ponte para que eu chegasse até o fundador desse grupo. Digo “desse” porque a vivência de campo me levou a uma infinidade de grupos similares — um leque de práticas desconhecidas por mim e por muitos (até hoje). Essa sombra sobre tais experiências reforçou, como um sopro de evidência, a necessidade de investigar o assunto, confirmando a importância da pesquisa que pretendia realizar.

Solicitei ao meu colega o contato do fundador do grupo no dia 6 de abril de 2021. “Criador” é como iremos chamá-lo. Fiz o primeiro contato com ele na semana seguinte. Apresentei a proposta de pesquisa e algumas informações pessoais. Além de nome e intenções, falei sobre onde residia e como desejava interagir, já apresentando a ideia de integrar o grupo virtualmente. Poucos minutos depois, recebi o retorno. Era positivo, explicativo e dava a tônica dos fluxos: conversa pouca e ação muita.

Recebi, ainda no primeiro contato, o link para ingressar no grupo e uma tabela com os valores das entregas e os respectivos bairros. Passei, então, a observar virtualmente as relações de troca do grupo, entendendo as dinâmicas de pedidos e entregas. A ideia, enquanto observava o funcionamento, era pensar nos métodos, enquanto estudava e realinhava minha órbita e meus próprios objetivos.

O Criador informou que estava no grupo como empreendimento e como entregador. O grupo havia sido criado há quase um ano. O fato é que ele possuía uma pizzaria, fazia a entrega dela e também de outro empreendimento em que trabalhava no turno oposto, uma sorveteria - talvez não seja então um exagero a alcunha escolhida, dada essa “onipresença” do nosso amigo - e havia a necessidade de organizar as entregas, eis então que surge a ideia de convocar os boy. Aquele que havia sido um grupo para soluções mais imediatas, agora contava com mais de duzentos participantes.

O contato do Criador se tornou ponto focal, por vezes tirando dúvidas básicas. Enviava sempre perguntas breves e deixando-o livre para responder ao tempo e a hora de sua disponibilidade. Mas fui sempre generosa e prontamente atendido.

1. Maneira como comumente é chamado o entregador

Além dos mistérios que sempre hão de pintar por ali, fui acometido por todas as reviravoltas que uma boa travessia no mestrado pode proporcionar. Mudança de referencial, abordagem metodológica, objetivos gerais, específicos e até espaciais. Passei um ano na cruzada acadêmica e, como já devem ter percebido através das datas, estávamos na real distopia da pandemia da COVID-19. Pois é, enquanto sobrevivíamos, lá estava eu, ou melhor, online estava eu a acompanhar o grupo de whatsapp de entregas. Nesse meio tempo, cheguei a compartilhar com o Criador uma vaga para uma oficina de modelagem de negócios, que havia sido ofertada para grupos e pessoas ligadas às comunidades em que fazíamos as pesquisas dos/as de mestrado.

Ocorreram várias trocas de mensagem. Mas da nossa interação online, destacaria a resposta que ele me deu, no dia 15 de maio de 2022, quando lhe enviei a seguinte pergunta: **“Qual o principal benefício em ter feito o grupo? O que tá ajudando mais nos trabalhos?”**

A resposta não me surpreendeu. Já não vejo como novidade quando me deparo com uma fala/ação de cooperação, altruísmo, reciprocidade, etc. Eu acredito, bem como tento vivenciá-las no meu dia-a-dia. Eu senti, nesse momento, que a pesquisa me abraçava, assim como a tinha abraçado. Foi a partir de uma jovem, empreendedor, pai de família, que multiplica riquezas, que eu estava em busca de mais redes de cooperação e solidariedade, no âmbito das entregas por plataformas digitais. Essa resposta foi uma janela por onde eu poderia mirar as próximas observações.

Outro destaque foi ainda dando sequência a conversa anterior, quando o Criador me perguntou se eu saberia dizer como ele conseguiria criar um *app*. Naquele momento passei a pensar que havia encontrado uma demanda do campo para ser desenvolvida enquanto tecnologia social. Não foi bem o que aconteceu, como vamos ver mais a frente, mas respondi que eu sabia alguns caminhos possíveis.

Como já foi apresentado anteriormente, este trabalho nasceu, enquanto pré-projeto, voltado ao tema do cooperativismo de plataforma. Entretanto, ao decorrer da caminhada, foi se desenhando outra conjuntura em relação às abordagens e reflexões do campo prático da pesquisa. Cheguei a me reunir com um membro da cooperativa de software livre “Eita” - egresso do PDGS - onde na oportunidade discutimos sobre essas abordagens que não tenho domínio. Minha ideia era obter informações de como seria possível contribuir com grupos que querem se auto-organizar. Saí do encontro acreditando que era possível desenvolver enquanto produto, uma interface básica para aplicativo de entregas. Achei que havia encontrado a tão sonhada tecnologia social. Mas, na verdade, o campo me mostrou que não havia grupo consolidado, com opiniões e objetivos comuns, metas e estratégias traçadas, mas que se autogorganização, a partir das individualidades, tendo a solidariedade e a cooperação como catalisador da união deles.

No dia seguinte, 20 de maio, o criador enviou outra mensagem, dizendo que o aplicativo que deseja criar era “tipo o Zé delivery”. Foi então que fui apresentado a plataforma - na época - do momento! Pesquisei, baixei o aplicativo para entender e fomos conversando. Para além do que havia em nossa conversa, era incrível perceber como a cada dia uma plataforma nova era mapeada ao longo da pesquisa, seja por indicações de amigos, propagandas patrocinadas nas redes, outdoors pela cidade, bags novas em costas nas costas dos/as trabalhadores/as, enfim, por todos os meios possíveis.

Passamos um tempo sem nos comunicar. Enviei uma mensagem no dia 19 de novembro daquele ano. Queria saber se o Criador havia conseguido participar do curso e perguntá-lo sobre o novo grupo. Como ainda não tinha conseguido programar a ida a campo e estava apenas na etnografia virtual, percebi que o grupo tinha sido desfeito. Eu, como membro, também havia sido removido. Enviei mensagem pra saber se já tinha um grupo novo e perguntar o que aconteceu - depois descobri que era uma forma de que eles e elas encontraram de gerenciar conflitos, retirar membros inativos e empreendimentos que já não eram da rede de entregas -, mas não tive retorno desta mensagem.

Em 07 de abril de 2022, retomo o contato, me reapresentando e perguntando sobre os temas anteriores. Ele informou que ainda estava como administrador do grupo, mas não coordenava mais as atividades, havia convidado outras pessoas para organizar.

Todas as pessoas envolvidas no grupo são voluntárias. Os administradores, que também são ou já foram entregadores, tem a missão de mediar conflitos, gerenciar os fluxos, manter a lisura na relação entregador/a e estabelecimentos, além de refletir e operacionalizar as possíveis punições para as más condutas, seja de empreendimentos ou dos/as entregadores/as. Destaco a informação sobre ser uma atividade não remunerada, primeiro para olharmos com atenção que a ideia do Criador, de ser um grupo para autorganizar o trabalho e ajudar a todos, havia sido seguida. Outros grupos cobram pela participação, uma taxa é estipulada para as diferentes modalidades de participação. Alguns, em campo, acreditavam que essa era a melhor opção. Porém, a grande maioria parece crer no poder ação voluntária, afinal, este grupo em questão era um dos mais volumosos, tanto em participação quanto em fluxo de entregas.

O Criador, ao retornar minha mensagem, atualizou questões sobre mudança de moradia, pois havia adquirido a casa própria. Mudou também de empreendimento, a pizzeria tinha dado mais certo durante a pandemia. Agora o foco era o lava-jato, que ficava ainda no bairro onde o grupo atuava. Aproveitei para sugerir um encontro presencial para conversarmos. Entre idas e vindas na tentativa de agendarmos, eis que no dia 19 de maio nós conseguimos realizar o encontro, que aconteceu na rua; no lava-jato da rua. Considero esse encontro como sendo um espécie de “big-bang”

da pesquisa, que veio para extinguir algumas coisas, para que outras pudessem nascer.

Durante o tempo de espera, até chegar o momento de ir de fato a campo, foram muitas inquietações, dúvidas, inseguranças, reformulações. Chegando ao ponto de repensar a minha capacidade de fazer mesmo a etnografia. Normal, das coisas que não nascemos sabendo e pouco nos ensinam. Além do receio metodológico, vinham a necessidade de traçar planos, ante o mundo de ideias que haviam surgido nesse período em que a pesquisa ficou de “molho”. Ir ao território para o encontro com o Criador, foi a abertura para poder vislumbrar melhor o caminho em meio às águas e às pedras. Depois de uma aula sobre tudo que precisava saber sobre as entregas, o grupo, os aplicativos, sobre empreender, sobre dificuldades, estudos, família e afins, o Criador me encorajou, endossando a pesquisa e dizendo de sua satisfação em ver a universidade trabalhando com o tema que nos ligava. Sai de lá convencido de que o retorno seria inevitável, mas dessa vez para, finalmente, participar como entregador no território.

No dia 30 de maio, enviei uma mensagem com algumas perguntas em relação à compra de equipamentos, bairros perigosos e fluxos do grupo, que, mesmo tendo participado tanto tempo, ainda haviam dúvidas de como seria na prática.

Ele me retornou prontamente com quatro áudios detalhados, indicando tudo que precisava saber. Este foi nosso último contato para tratar diretamente dos assuntos de campo. Depois disso, estava decidido: eu faria uma experiência teste a partir do dia 01 de junho, uma quarta-feira, pois queria começar oficialmente as atividades no fim de semana. O cronograma de campo era passar, ao menos, uma semana completa - acabei ficando duas. Precisava entender se seria possível, do ponto de vista logístico e de segurança, fazer entregas de bicicleta.

Convidei o criador para a qualificação deste projeto, que aconteceu virtualmente. Não contei com a presença dele, mas ganhei a satisfação de receber um áudio que basicamente dizia o que ele fez questão de frisar no início de nossa relação, que achava muito importante que a universidade tivesse pesquisas como essa pois, na opinião dele, todos saíam ganhando.

Entre bags

O Criador me disse em um dos áudios que eu conseguia comprar através dos anúncios que eram feitos no próprio grupo. Lembrem que comentei que foi preciso refazer o grupo? Então, para melhor organizar, foi criado um grupo só para as entregas (fundado em 22 de junho de 2021) e outro só para entregadores/as (fundado em 01 de julho de 2021). Neste, eram compartilhadas informações essenciais, dentre elas, os anúncios de produtos. Foi ali que surgiu minha oportunidade de adquirir minha caixa mágica amarela. Era uma surrada mochila com uma caixa de isopor presa em alças desgastadas pela labuta de um outro entregador. Para mim era como se fosse uma bag batizada e que, mesmo sendo levada às costas, serviria de guia e co-pilota nessa empreitada.

O anúncio brotou no grupo no início da noite. Enviei, como recomendado, uma mensagem direta para o entregador-vendedor, que aqui iremos chamar de Mestre 1. Assim que visualizou a mensagem, ele me retornou com fotos e o valor: R\$30. Complementou com um áudio informando que estava faltando só a tampa da caixa de isopor, mas que não seria problema. Agendamos a entrega para o dia seguinte.

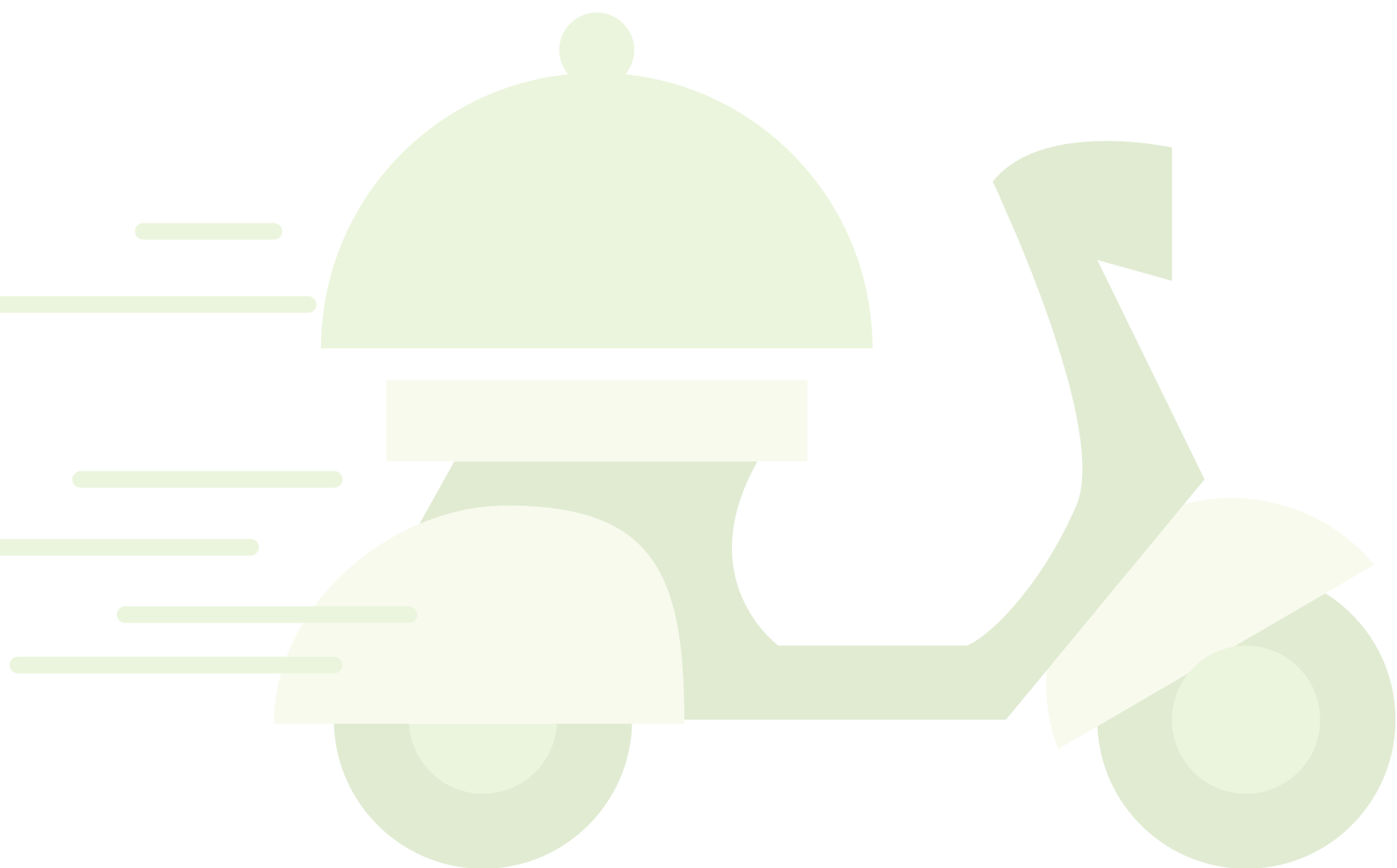
Fiquei aguardando a localização. Sugeri que fossemos até a Caixa Econômica do Caminho de Areia. Por volta das dez da manhã do dia 31, encontrei com o Mestre 1. Além da bag, recebi mais uma generosa, extensa e detalhada aula sobre aplicativos, funções, dinâmicas, remunerações, oportunidades, regadas a conselhos, alertas e votos de boa sorte. O que era pra ser uma simples transação de mercado, passou a ser uma transição de saberes. Era um combo e eu não sabia “compre uma mochila de entregas e ganhe mais um mestre para abrir caminhos”.

Em 01 de junho, enviei uma mensagem procurando saber o contato da pessoa que fazia reparos em *bags*. É que nesta mesma data eu já tava em campo e ouvira falar dessa pessoa, mas como foi em uma conversa paralela, ainda não tinha intimidade de perguntar quem era e onde ficava, resolvi consultar o Mestre 1. Ele me passou o endereço, embora não tivesse o contato.

O Mestre 1 foi um prenúncio de como seria dali pra frente, em relação às práticas de acolhimento entre e inter pessoas que trabalham com plataformas digitais ou simplesmente, como são as relações humanas por ali. Com o Criador, já tinha estabelecido um vínculo mínimo, o que poderia justificar a abertura e colaboração.

O Mestre não precisou saber meu nome, endereço, conta sanguínea ou bancária - embora ele tenha até me mostrado a dele para confirmar quanto já tinha angariado no dia, em determinada plataforma que havia me sugerido. O que era necessário ele já tinha, que era o conhecimento sobre o assunto e uma pessoa que estava iniciando e precisa saber. Pronto! Dádiva consumada.

E foi assim que se estabeleceram as outras tantas relações que irei narrar durante a vivência como entregador. Refletindo sobre as anotações que fiz, me peguei pensando que havia, de minha parte, uma “romantização” do que eu havia vivido, como senão houvesse falhas, críticas, desavenças... A questão é que de fato eu não vi, muito menos recebi nada diferente do que acolhimento, em todos os momentos. Fui beneficiado e presenciei inúmeras ações de cooperação e gestos de solidariedade. Participei de “oficinas” comunitárias na beira da calçada, com explicações técnicas de alto nível e didáticas bonitas de serem vistas. Ouvi apoios sobre dúvidas nas localizações de entregas, dos bugs das plataformas, das incompreensões sobre taxas e remunerações. Vi entregador acomodando bag nos ombros do companheiro sobre a bike, como um tio que prepara o sobrinho à escola. Fui portador de chave de boca emprestada de um motoboy para um ciclo-entregador. Recebi conselhos sobre horários, lugares e dicas para se eu quisesse entregar mais e ganhar mais. Emprestei capa de chuva, porque também vi gente emprestar. Fui solidário, porque aprendi a ser, desde sempre. Mas também porque encontrei gente que também o era. E se eu ficasse por um ano, seria diferente? Só voltando pra saber.



Cadastro Ifood

Apresentação

Um capítulo importante dessa fase preparatória e que aconteceu paralelamente às outras etapas, foi o processo de cadastro na plataforma ifood. A tão famosa rede de entregas por aplicativo foi escolhida por ser, além de simbólica, também a maior do setor na época. O meu cadastro foi realizado no mesmo período em que decidi iniciar a experiência de campo. Baixei e cadastrei meu perfil para entregas no dia 30 de maio de 2022, embora só tenha sido aceito de fato e autorizado a rodar meio ano depois, em novembro. Deste modo, não foi possível, também, incluir quaisquer experiências de entrega via aplicativo de entrega. Aqui serão apresentadas as nuances desse processo envolvendo cadastro, possibilidades e funcionamento do aplicativo em questão e as análises pertinentes e possíveis de serem feitas para este trabalho.

Um passo (a passo) e estou no mesmo lugar

Tomada a decisão de criar um cadastro, os trâmites não seriam muito difíceis, se pensarmos que todos possuem letramento digital e tem facilidade em baixar, digitalizar e realizar movimentações pelo celular. O imposto de renda, por exemplo, possui uma plataforma disponível e qualquer pessoa pode realizar sua declaração. Quantos de nós fazemos e entendemos disso? Muitas pessoas têm a disposição e experiência em entregas, mas outras tantas não conseguem dominar tecnologias digitais.

Parti então para a loja virtual de aplicativos. O ifood tinha avaliação de 4,2 estrelas, de um total de cinco, com 340.278 acessos até então. Aproveitei para observar algumas das avaliações dos/as usuários/as da plataforma. Alguns comentários sobre o suporte ser melhor e mais rápido que outras plataformas disponíveis, incluindo não haver muitos problemas com os pagamentos e etc. Colhi algumas críticas em relação aos estabelecimentos. Um comentário dizia que os restaurantes cadastrados informavam que o pedido estaria pronto sem estar. Segundo o comentário, seria uma forma de não pagar a taxa de espera para o/a trabalhador/a. O autor do comentário sugeria que houvesse mais fiscalização sobre o assunto. Outro comentário dizia sobre a velocidade do aplicativo em si, que haveria lentidão para diversas funções, seja de quem entrega, seja por parte dos empreendimentos.

O cadastro engloba quatro categorias de informações principais: 1) Dados Básico; 2) Foto do Rosto; 3) Foto de documentos e; 4) Dados bancários. Os básicos incluem CPF, celular e e-mail. O segundo item serve para que clientes e as pessoas da loja identifiquem o/a entregador/a. O documento que precisa ser enviado é a CNH, dentro da validade, para entregas com moto ou carro. E RG para entregas com bicicleta. Por fim, uma conta bancária no nome do usuário.

Nos termos de condições de uso da plataforma, além de declarar que você entende que ela não é uma empresa de transporte ou operação logística, é preciso também declarar ter 18 anos.

Para além da discussão de legalidade, é sabida a dificuldade financeira e processual para retirada da habilitação nacional, seja ela qual for. Além disso, o acesso ao sistema financeiro, embora muito mais facilitado nos dias de hoje, ainda assim é uma barreira para muitas pessoas. O que quero dizer é que, do ponto de vista de exigências para o cadastro, está correto solicitar quaisquer desses itens. A nossa discussão, que será melhor desenvolvida mais à frente, é sobre como cooperar para viabilizar o acesso a elas. É como o discurso em torno do MEI para o empreendedorismo. Em nome da guerra contra a informalidade, o cadastro é disseminado como a solução para qualquer pessoa e atividade, mas pouco se discute sobre o suporte a esses usuários e, mais além, a real necessidade de tê-lo.

O cadastro que realizei iria me autorizar a rodar pela plataforma e fazer entregas onde e como eu desejasse. No meu perfil, estava intitulado como sendo entregador “Nuvem”. Não entendia bem como funcionava, até receber as aulas de campo junto aos grupos que participei, virtual e presencialmente. Lembrando que são pessoas em lugares e espaços diferentes. Os e as componentes do grupo virtual, não necessariamente estabeleciam ponto de apoio físico no local onde fiquei durante a realização da etnografia. Apresentarei outros detalhes sobre isso mais a frente.

O fato é que a turma com quem partilhei os dias como entregador, aparentava querer qualquer coisa, menos deixar de ser “Nuvem”. Em geral, quando me perguntavam “você é Nuvem?” e eu respondia positivamente, viam os comentários que era a melhor opção. Descobri no campo que havia outra opção, que era via “OL” (ou Operador Logístico). Diferentemente do formato “Nuvem”, no modo “OL” o entregador teria que prestar um serviço em locais e horários definidos por uma empresa/pessoa autorizada pelo ifood a fazer essa gestão. Pude perceber que uma das coisas mais valorizadas pelos/as entregadores/as era a liberdade de horários e lugares onde atuar. Então, ser “OL” era mesmo uma opção distante. Vejamos o que o ifood diz sobre essas duas modalidades:

Nuvem *“Nessa modalidade, os entregadores trabalham de forma independente. Isso significa que eles têm autonomia para fazer as entregas quando quiserem, com flexibilidade para trabalhar nos horários e nos lugares que desejarem.”*

OL *“O OL (ou Operador Logístico) é uma empresa com quem o iFood possui um contrato de intermediação das atividades de entregas dos pedidos realizados pelos consumidores finais.”*

Uma das ditas vantagens do trabalho plataformizado é justamente a liberdade de horários. Essa gestão do próprio tempo corrobora com a famigerada ideia de “chefe de si mesmo” que está disseminada na forma como consumimos empreendedorismo tanto na prática como na teoria hegemônica sobre o assunto.

Isso se torna uma falácia, no que tange a plataformização do trabalho, porque, embora não exista uma chefia para lhe dizer a hora que você deve trabalhar, o próprio aplicativo faz isso, através de vários instrumentos como: gamificação, bonificação, restrições e punições, dentre outros. Na gamificação, as plataformas estimulam as pessoas que laboram através delas, a estarem onde é interessante para elas - plataformas - dando, por exemplo, um bônus para entregador/motorista, caso faça um número “x” de atividades num raio de quilômetros determinado pelo aplicativo. As restrições e punições são uma forma de coagir quem ficar sem responder aos pedidos, caso estejam ativos. É fato que oficialmente as plataformas dizem não punir, caso você não aceite (que é diferente de rejeitar) entregas e corridas. Mas para ter melhores condições de remuneração, percursos e outras coisas, você precisa aceitar tudo, ficar o maior tempo possível conectado e rodando muito, independente das condições. Ou seja, a “liberdade” de um/a trabalhador “Nuvem” é tal qual a chuva, que cai onde o vento levar. Nesse caso, o vento são as plataformas e seus algoritmos.

Outra vantagem em relação à modalidade “Nuvem” é também a possibilidade de estar disponível, simultaneamente, em outras plataformas. Nesse caso, conheci pessoas que circulavam pelo iFood, *Uberflash* ou *UberEats*, *99moto*, *Americanas* e três grupos de whatsapp do bairro. O benefício da não exclusividade, na verdade, é das empresas detentoras dos aplicativos que, mesmo não mantendo os trabalhadores, detém sua disponibilidade, por mais que ela não seja constante. Em algum momento a pessoa terá que efetuar algum serviço, sob pena de perder ou deixar de ganhar pontuação.

Já no formato “OL” os horários e locais são definidos. O trabalho deve ser realizado em locais estipulados pelo Operador Logístico, que em geral são shoppings ou nas proximidades de grandes franquias e em horários sobretudo de alta demanda.

Soube que o cadastro “Nuvem” demora muito mais para sair. “A ifood só quer ‘OL”. Diziam-me que se eu quisesse rodar logo pelo app, era só colocar a outra opção (OL) que rapidamente iriam me aceitar. Essa era uma queda de braço que pude perceber. No entender dos/as entregadores/as, nada de querer trabalhar sem liberdade. Por outro lado, a empresa buscava sempre criar vantagens para quem optasse pelo formato que não fosse nuvem. Há relatos de que existe prioridade para direcionamento de pedidos para quem for “OL”, além da já comentada rapidez na aprovação do cadastro.

Para o grupo que convivi, eram quase indiferentes às questões relacionadas a benefícios e formatos entre as plataformas. O que as pessoas mais faziam era rodar pelo máximo de formatos que dessem conta e na hora que tivessem condições. Mas a quase unanimidade era ser um prestador de serviço do ifood e, uma vez sendo, que fosse “Nuvem”.



Um, dois, três: valendo!

O meu tempo de resposta em caso de situações de risco, estando de *bike*, diminuíram. Estando de moto, poderia ser mais rápido para sair de situações, porém atrairia, possivelmente, muito mais possibilidades. Resolvi fazer o teste. Mas não sem antes desenrolar algo muito importante: comprar minha *bag*.

Residindo próximo ao centro da cidade, Primeiramente pensei em mesclar, dias com bicicleta, outros com moto. Mas descartei a possibilidade pois chamaria a atenção do grupo estar um dia com um veículo outro dia com outro.

Vou descrever agora, bem simplificada, como funciona esse fluxo do grupo:

Entregadores e entregadoras que tivessem interesse em participar das entregas, são inseridos pela administração do grupo. O mesmo acontece com os empreendimentos interessados em fazer suas entregas utilizando os serviços do grupo. No ato de entrada, uma ficha cadastral básica, incluindo documento com foto, é solicitada. Lembrando que esse grupo em questão, só possui empreendimentos do setor alimentício.

O fluxo em relação aos pedidos é bem simples: a clientela entra em contato diretamente com o empreendimento de sua escolha para fazer o seu pedido. Em seguida, o pedido é lançado pelo empreendimento no grupo, com descrição básica sobre onde é a retirada, qual local de entrega, se há ou não necessidade de retornar para o estabelecimento, dentre outros detalhes. No grupo, estão os/as entregadores/as aguardando, as mensagens para as "corridas". Quando o pedido aparece no grupo, a pessoa que escreve e envia "eu" imediatamente depois, é quem será designado a fazer a entrega. Por fim e por regra, o estabelecimento deve marcar respondendo a mensagem da primeira resposta. Como a maioria das pessoas que fazem entregas, por serem do bairro ou por prática, já conhecerem os locais onde ficam cada empreendimento, é comum que sigam imediatamente até lá. De todo modo, o empreendimento faz contato por mensagem. Irei tratar sobre outros detalhes e análises desses fluxos na segunda etapa do "Entre_Dias".

É importante destacar que os valores estipulados para cada localidade onde o grupo atua, está previamente tabelada, ou seja, quem se predispõe a realizar a entrega, bem como quem postou, já tem ciência dos valores.

Contando os dias: primeiro

Ocorreu um pensamento primeiro, nesse dia inicial. Foi sobre a ideia de que a chamada uberização, só haveria de ter espaço porque o sistema que nos (des)organiza, faz com que a gente se sinta compelido a terceirizar a vida. No âmbito familiar-doméstico, colocamos em outras mãos os cuidados com a casa e, por vezes, com as pessoas (crianças, idosos, pets, etc.). Lembrei que vi, ali pelo centro da cidade, trabalhadores/as com uma camisa de um app para passear com animais, era o BORA DOG. Em alguns lugares do mundo, é possível encontrar, como serviço, acompanhantes para humanos também. Isso só me ocorreu hoje. É o que tenho pra dizer. O cheiro de frutos do mar me lembrou que o tempo da vida cotidiana, não pode ser o tempo das marés para boa parte de nós. Também por conta de um sistema econômico que precisa pasteurizar tudo, inclusive os tempos, para que tudo funcione. Peguei uma contramão hoje. Percebi que preciso focar mais na pista do que nos meus pensamentos. O trânsito é atenção total. Pilotar é tensão total. Não posso errar, sobretudo quando estiver entregando. Uma trabalhadora passa entregando folheto com o preço do quilo de comida em um restaurante. A propaganda indicava que era valor promocional. Quantos entregadores/as poderiam se alimentar com aquele valor, sem comprometer a meta do dia, da semana ou do mês? Um vendedor grita “Eu tenho sonho. Eu tenho sonho”. Parecia que eu escutava a frase com o artigo definido “um” no meio. Deve ser porque penso que todo mundo, real, tem um sonho. Inclusive quem vende eles. O local onde decidi estabilizar a base para fazer a experiência de campo, fica na calçada de uma famosa lanchonete do bairro. Decidi que faria um tour gastronômico de coxinhas durante a vivência. Experimentei a do local. Não era boa não. Um entregador de bike chegou reclamando dizendo que tá procurando uma carne mais barata pra comprar. “60 conto, tá doido”. qui perto, no bequinho apertado onde ficam as motos estacionadas, vi um carro manobrar e por muito pouco não derrubou a biz da funcionária de uma loja. Alguém da galera gritou “Deixa aí, se ele derrubar ele paga. Ele não é doido. Ele tá vendo”. É muito forte a relação de conflito, sobretudo quando a gente tá em movimento, entre carros e motos. Os carros, entre eles, disputam tudo. E conflituam, sempre que possível e com desigualdade, com as motocicletas (bicicletas nem se fala). Já as motos, entre si, se auto-ajudam de maneira simbiótica.

Com quantas marchas se faz uma canoa

O dia começou com um motoqueiro falando sobre a dificuldade de encontrar um calibrador.

Hoje vi, pela primeira vez na região, carros com plotagem do indriver. Anotei para pesquisar e tratar dessa plataforma no trabalho.

Tudo pra mim é uma grande descoberta. E cá estou eu analisando a diversidade de bags que existem. Tem umas que são muito bonitas. Pensando nisso, enquanto vejo um modelo mais novo da que é a minha, 99 food, amarelinha, só que parecendo uma mochila mesmo, não uma caixa.

Vendo pela primeira vez um entregador de mais idade que a média da galera do ponto onde estou ficando. Ele roda em uma biz. Cabelos grisalhos. Dá pra perceber o respeito do grupo com a pessoa dele. E atenção dedicada ao que ele fala também.

Postaram no grupo o anúncio de uma bicicleta à venda, por 260 reais, sem marcha. Fiquei pensando na pauleira que é trabalhar com entregas > de bicicleta > sem marcha... Lembrando aqui de um pensamento que tive há alguns anos atrás sobre a utilidade social de máquinas e equipamentos. Foi navegando numa lanchinha minúscula até Cairu e vendo enormes lanchas de passeio paradas. Pensava como seria, nesse caso, se o direito ao acesso desses equipamentos fosse melhor distribuído. Já na situação das bicicletas, não é como as embarcações que ficam o quase o ano todo paradas em marinas, mas tem a onda da modinha dos bikers, com equipamentos surreais de caras, com até mais de 30 marchas.

Vendo a trupe do colégio militar passando, com suor na testa, que não é pra menos, com o calor que faz em Salvador e a obrigatoriedade de fardamento que deve ser demasiadamente quente. Nesse momento penso nos paralelos das realidades de quem tá na calçada, desembainhando a bag das costas e daqueles que vão andando, com os livros nas mãos.

No bar da esquina, o rádio está sintonizado na educadora fm, minha rádio favorita. Tocaram várias músicas antigas nesta tarde. No momento, toca Zé Manoel e Luedji, com "Não Negue". Vou registrar pra lembrar e pra quem ler, talvez poder.

Depois de ver um carro passando com uma plotagem diferente, escrito “MobiBahia” impresso no adesivo, baixei a cabeça para anotar no bloco de notas do celular. Daí escuto alguém chamando meu nome. Era a moça que encontro sempre que resolvo ir ao consultório odontológico. Ela trabalha lá. A gente só se saudou a distância. Ainda bem que ela não me perguntou o que eu estou fazendo. Ainda não sei explicar bem.

Está rolando uma algazarra em volta da banquinha do jogo-do-bicho. Pena que não tenho nenhum palpite no momento, pra usar como álibi e poder chegar mais perto do assunto.

O trabalho com entregas não é, nem de longe, uma novidade. Estou me dando conta disso olhando uma bike de carga, daquelas que geralmente o freio funciona com contrapedal. Lembrei da distribuidora de bebidas de um tio meu, que fazia pequenas entregas através dela e de um trabalhador-guerreiro que conseguia realizá-las com um veículo que até sem carga já é pesada.

A precarização e o histórico de subserviência são elementos antigos ao mundo do trabalho. As plataformas bem que deveriam (ou poderiam?) ser instrumentos de modernização. Mas só tem sido canalização de lucro mesmo.

Hoje presenciei algo comum no grupo entre os/as entregadores, que foi uma conversa sobre blitz na região. Um entregador da uber-flash, que roda de moto, chega e saúda os demais, comentando que conseguiu escapar de duas batidas policiais e indica o local em que estão acontecendo, para que todos fiquemos atentos.

Tem uma figura icônica que fica por aqui com o grupo, passando pra lá e pra cá em uma bmx sem corrente, empurrando e se equilibrando como uma criança. Parou na minha frente e disse “E ai pica-pau”. Ele tem uma deficiência em uma das pernas, o que dificulta as vezes de sair da bike. Quando ele não se joga de vez na calçada, sempre que tem alguém por perto segura ele para poder descer. Ele não faz entregas. É uma figura da paisagem local, que a galera aqui segue feito Joãozinho Beija-Flor, da canção Reconvexo.

Enquanto um entregador levanta da cadeira para ajudar o outro a colocar o pedido na bag, outro chega perguntando informações sobre a tal da blitz que tá rolando.

Uma hora depois de ficar parado, sem bater nenhum pedido, um entregador se lamenta dizendo que vai ter que rodar bem na sexta, no sábado e no domingo, sem descanso. O brinco com uma cruz me faz pensar na fé que ele tem nisso, de ter dias de boas entregas, na mesa de quem pede e também de quem entrega.

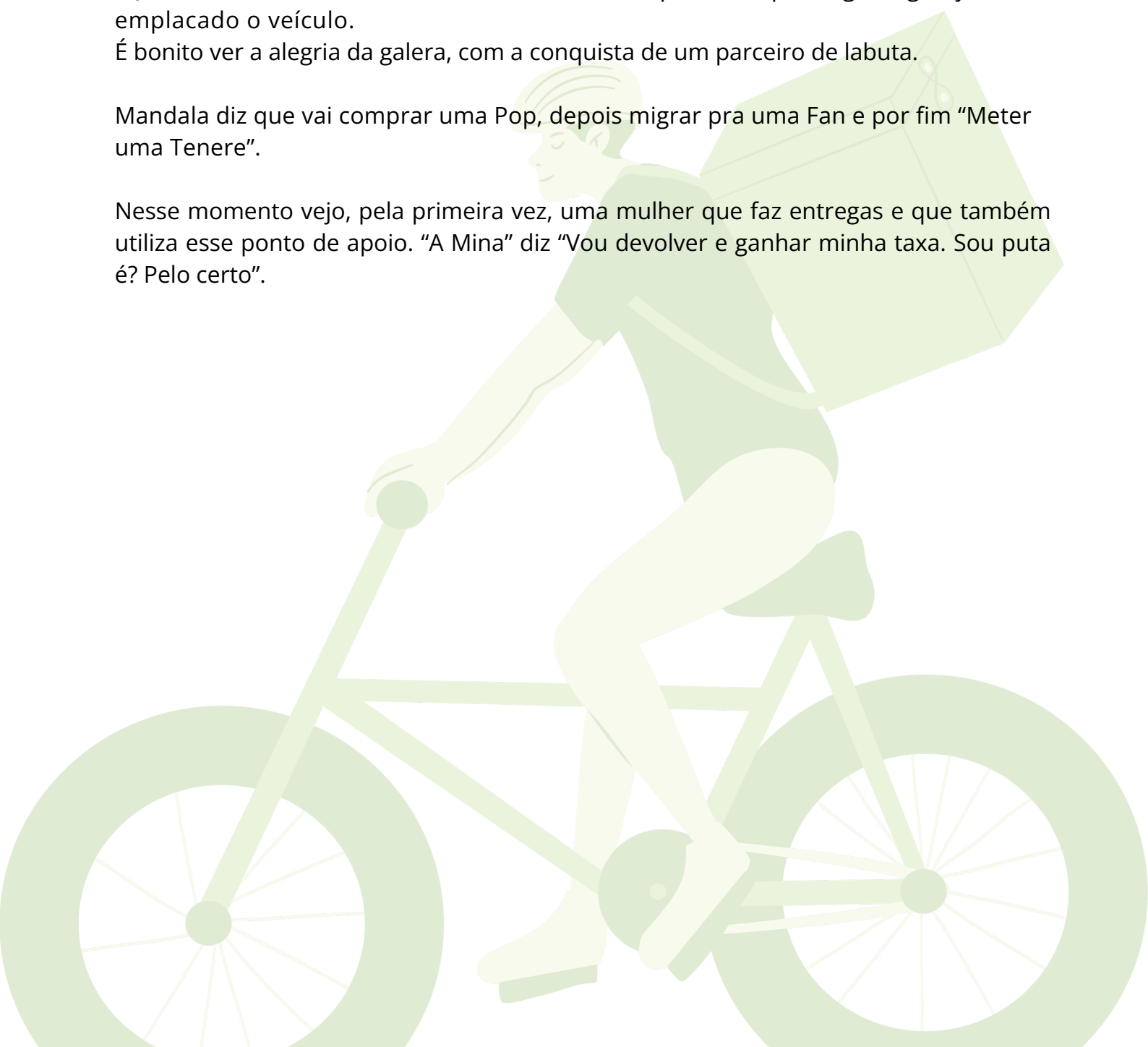
“Oh a Águia aí vei” gritou o entregador que gosta de escutar System Of a Downs. Ele estava alertando um motoqueiro que passou na faixa oposta a da calçada que ficamos. Depois disso ele saiu com dois sucos de laranja, para entrega. Antes, avisou pra o entregador que tava perto de mim, que era bom tirar a moto da calçada porque “os homi” estão circulando direto por ali. Finalizou a prosa comentando “Todo ano é a mesma história, o mesmo aperto de mente”. Ele está se referindo às batidas policiais rotineiras, que mexem com IPVA e afins.

Um entregador da Pop Verde diz “Deus é bom”, antes de colocar o tripé. O outro responde. O da mandala responde “O tempo todo”. No momento a galera tava tirando dúvidas de um outro trabalhador que parou pra perguntar se era problema rodar sem sapato, estava preocupado. Pequeno disse para O Coroa “Quero ver o coroa de moto”. O Coroa respondeu que logo logo, já tinha emplacado o veículo.

É bonito ver a alegria da galera, com a conquista de um parceiro de labuta.

Mandala diz que vai comprar uma Pop, depois migrar pra uma Fan e por fim “Meter uma Tenere”.

Nesse momento vejo, pela primeira vez, uma mulher que faz entregas e que também utiliza esse ponto de apoio. “A Mina” diz “Vou devolver e ganhar minha taxa. Sou puta é? Pelo certo”.



Você é nuvem ou OL pivete?

Um entregador pergunta quanto deveria cobrar, por uma entrega particular, para ir até a “Barão de Cotegipe”. O Coroa diz “bota 35”. Ele então inclina o celular e vai enviar o valor, sem titubear, confiando na valorização que o mais velho lhe passou.

O Cora me perguntou se eu era Nuvem ou OL. Eu não entendo bem ainda o funcionamento, tampouco a diferenciação que o iFood faz para cada uma. Mas respondi que fiz o cadastro como Nuvem, porém não fui aprovado e por isso estava rodando por um dos grupos. Ele compartilhou que, no caso dele, havia levado 90 dias. Isso há três anos atrás. E disse ainda que se colocar OL eles aprovam praticamente automático, mas tem que fazer um “turnão”. Falou que rodava de bike no início, mas daí comprou a cinquentinha que me apontava enquanto falava. Era uma Shineray preta, com faixas cor de gelo e linhas avermelhadas. É uma dessas motos que dá pra comprar em supermercado, inclusive.

Enquanto passa um carro da Transalvador, o entregador “Basquete” pergunta pra “Guri” se a moto dele está gerando bem. Ele responde que é boa pra entrega. Não sei qual é a moto.



Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come

Hoje apareceu mais uma entregadora. Enquanto converso com o entregador que estava me contando que era motorista de uber antes e agora tá com entregas, vi quando ela chegou, deu bom dia pra galera, pouco assunto, arriou a bag e se aconchegou num pedaço da calçada.

Um entregador chega para mais uma bolsa de valores das entregas e pergunta quanto a galera cobraria pra uma missão até Vilas. Surgem várias variáveis, que são baseadas a partir da experiência de uns e de outros. Um deles disse que uma vez ganhou trinta reais pra ir e voltar, só pra passar um cartão. Outro comenta que pra Camaçari já teve proposta de 45. É tanta média e mediana que fiquei confuso. Mas o fato é que essa construção de valor é, sem dúvidas, bem mais interessante que as oportunidades oferecidas pelo algoritmo, na maior parte das vezes. E, o que é melhor, são co-construídas por quem executa o serviço.

Perguntei pra um dos meninos onde a galera faz camisas personalizadas com os nomes dos grupos ou plataformas que utilizam. Elas não são necessariamente fardas. Tem as que são disponibilizadas pelos apps. Mas ali, normalmente quem usava tinha mandado fazer em alguma casa de confecções e estamparias. Eu queria ter uma para me sentir mais pertencente e também na tentativa de não chamar atenção com a vestimenta, já que todo dia fico pensando na influência do que estou vestindo. Já basta o fato de estar utilizando uma moto que chama um pouco atenção. O mano me disse que consigo no bairro de detrás, num shoppinzinho, numa loja de nome “Camisa Personalizada”.

Um mototaxista parou no meio-fio, no beiral da calçada com o pisca ligado e perguntou pra geral onde que ficava o endereço que ele tinha pra chegar. Prontamente, três dos quatro parados se levantaram para olhar no celular dele e bolarem o melhor itinerário. Eu não fui porque nem sabia contribuir e preferi ficar observando a situação, pra variar.

Uma senhora, em passos mansos, passa na calçada, de bolsa e sandália confortável, dizendo “Diga meninos... Deus acompanhe vocês”. Geral responde com um uníssono amém - inclusive eu - enquanto um deles se prolonga completando com “A senhora também, minha tia”.

Tenho ficado apenas um turno por aqui. Então não dá pra mensurar com precisão o tempo que os/as entregadores ficam nesse local. Parte deles rodam por outras bandas também. Outros somente fora e passam apenas para conversar, dar um recado, resenhar e acelerar, as vezes nem param a moto ou a bike. Mas que fica ali, além de ter outra forma de laços, confiança, ajudas, intimidade e outras coisas que não consigo descrever ainda. Pensei nesse recorte importante sobre o tempo de esforço que cada um dedica, ao escutar um deles dizer que chegou às oito e o outro uma da tarde.

Fiquei sabendo que a Rappi disponibiliza um ponto de apoio para entregadores na Barra. Vou dar uma conferida na informação e entender melhor como funcionam esses espaços. Quem falou sobre isso foi Mandala, o mesmo que saiu correndo hoje para ir na casa de uma mulher, que descobri ser a prima dele e dona do cadastro que ele utilizava. Isso porque o aplicativo tinha derrubado a conta antiga dele. E a correria tinha acontecido porque estava sendo requerido o reconhecimento facial da conta ativa. Por mais que ele possa se parecer com a prima, não gera arriscar fazer ele mesmo, então, toda vez que vem a solicitação, ele tem que fazer ainda esse corre para poder continuar trabalhando. Já pensou?

Hoje escutei uma queixa complexa. Um dos meninos falou sobre o fato de sofrerem aperto, de um lado, dos bairros onde o tráfico está instalado. E, do outro, das operações policiais que também os aflige. Até o momento, eu não passei por nada disso, na vida toda. Como deve ser viver entre a cruz e a espada o tempo todo? E ainda ter que bater metas?

“Falando em gorjeta, ganhei duas de dois reais”, chegou arrastando o chinelo e comentando comemorativamente um dos entregadores. Embora esteja pesquisando sobre o assunto, eu usei muito poucas vezes plataformas de entregas, ao ponto de nem ter os apps baixados. Mas uma coisa que sempre me intrigou foi saber das opções de bonificação, isso eu sei por utilizar outras plataformas de serviço de transporte como uber e 99. E fica a dúvida se o dinheiro vai mesmo para a ponta, pra quem trabalha. A sensação é a mesma de quando se paga 10%, mas tem dúvida se o dono/a do estabelecimento repassa realmente o valor.

Perguntaram se habilitação provisória o aplicativo aceita. Alguns disseram que sim. Outros que tinham dúvida. Eu preciso procurar saber, talvez seja importante.

Tava um “paradeiro” muito grande esse dia. Paradeiro é quando não rola nada de pedido. O contrário disso é quanto está “batedeira”. É aquele momento que o “plim- blom” de pedidos batendo nos autofalantes do celulares da galera fica imparável. Eu ainda não sei como é essa sensação. Por enquanto estou só pelo grupo. E ainda nem fiz entregas...

Um entregador resmunga a maluquice que ele acabou de constatar, que é ganhar sete reais para rodar 14km, sendo que no pedido anterior faturou seis reais, com a distância equivalente a 500m. Ainda comentou com ironia o fato da pessoa não ser capaz de atravessar a rua para buscar o pedido.

Respondi “Desenrola” perguntou “Tá rodando o que você” eu automaticamente “só no grupo”. Ele perguntou qual, o que me fez perceber que haviam vários e com a mesma relevância. Ele disse que os grupos salvam demais. Perguntei pra ele se haviam outros além do que estou. Ele disse que só ali naquele trecho tem pra mais de quatro e me listou os nomes.

Hoje meu coração acelerou como nunca antes. Foi quando avistei a palavra “digitando” no grupo de entregas e eu estava decidido a escrever “eu”. Mas vacilei enquanto respondia um comentário que me fizeram, perdi de fazer o primeiro pedido.

“Ô Arcanjo, essa parada é de que lado véi?”. Arcanjo levantou num pulo da cadeira, com sua Havaiana branquíssima e os dois trocaram informações de ajuda para descobrir o tal endereço que o outro entregador precisa.

“iFood é molho hoje” grita um de lá, chegando do bequinho do estacionamento. O outro contesta de cá “Ontem e hoje é, não bate nada”. O outro, olhando pro celular, calcula e em seguida comenta sobre a quantidade de corridas somadas, aquele tempo todo e não davam cinco entregas...

“Cabra fazer o corre, com fome, com cheiro de comida pra todo lado, é tasca”.

Uma Kombi muito bonita passou aqui, plotada com uma marca ligada a música.

Pesquisei o “@” e vi que era de um grupo musical.

Arcanjo é um dos entregadores de maior influência ali no ponto onde ficamos. Ele interage com quase todos, brinca seletivamente, mas está sempre aberto a ajudar, é incrível. Naturalmente, mais uma vez, o vi segurando o pedido, abrindo a bag, acondicionando a entrega com cuidado e depois fechando. Tudo isso para um outro boy. Percebi que é rotineiro, natural, voluntário, espontâneo, como se não fazer aquilo, fosse estranho.

A terceira mulher do rolê apareceu hoje. Estava de máscara, mochila do iFood, numa moto NXR bros. Ela diz “Reunião ai né”, brincando com os chegados dela. Um deles responde “Ô né, iFood não quer mandar pedido”.

O Coroa me avistou do outro lado da rua, acenou com o braço no alto e deu um “legal” direcionado pra mim, com um sorriso bem aberto. Essa cena poderia ser do meu tio mais velho, me encontrando no interior, quando chego de viagem, morando fora. Mas é um trabalhador que pouco (ou nada) me conhece, com o qual divido um espaço de apoio na rua. É como se isso pouco importaria para ser gentil.

Agora entendi porque a gente vê tanto motoqueiro com o celular encaixado no capacete. Ali a galera escuta áudios, faz ligações e afins. O corre obriga a desenvolver umas habilidades extraordinárias, que a distância só nos parece incoerente do ponto de vista de segurança. Mas no convívio fica clara a necessidade. Isso me ocorreu agora, quando o tio da bmx sem corrente olhou pra um dos boys que tava com o celular dessa forma, virou e disse “Isso é massa”. O outro brinca dizendo “Sai ladrão”. Ele contexta “Ladrão não, morador de rua”.

O Coroa ativou chegou celebrando que finalizou seu cadastro pra entregas da uber. Ele esperava que com quinze dias já pudesse, mas com oito ativou a conta. Tá super feliz. Isso só foi possível pela evolução da bike pra Shineray. O app não permite se não for de moto. Por esses e outros motivos operacionais, existem grandes diferenciações nas modalidades de entrega.

Estou sabendo de tudo que dá pra saber ou tudo o que é possível absorver sobre o mundo das entregas, sem precisar fazer perguntas. O Coroa tava me compartilhando que já rodou pelas Americanas, ficou 02 meses como uber, mas foi bloqueado permanentemente. Não quis perguntar o motivo, embora tenha ficado curioso em saber. Também não ia dar tempo, porque logo em seguida bateu um pedido e ele se aprontou correndo pra atender. Ele já tinha me dito que tem app que fornece um cartão com crédito disponível, em que a pessoa vai comprando os pedidos que vão chegando. Nesse dia, a informação mais importante foi narrar a luta dele, desde o primeiro cadastro, em que ele estava em casa, quando recebeu a mensagem do iFood dizendo “Está esperando o que”. Era o primeiro pedido que ele recebia e não tinha visto a notificação. A bike estava na varanda, ele mora no primeiro andar. O tempo de tirar e sair pra corrida foi maior do que a velocidade das entregas. Perdeu a primeira chance de muitas. Contou também que comprou a motinha por 4.500 e emplacou por 700.

Descobri que já teve mano que ficou com 200 reais negativos em plataformas, antes de ser bloqueado.

Eu pensava que minha maior dificuldade fazendo a pesquisa, seria usar muito o celular e ficar sem bateria. Porém, o maior desafio era a conexão à internet. Reparei o quanto isso é vital para a galera. Carregadores portáteis nem são uma questão, quase todos têm. Alguns já possuem conexão de energia na própria moto.

Nesse dia eu coloquei como meta ir pra casa às oito horas da noite ou até sair o próximo pedido que eu pudesse ver no grupo e tentar fazer uma entrega. Faltavam 2 minutos para o horário e bateu um pedido. Mandeí “eu” junto com outro entregador. Deu o outro. Que bom, fiquei feliz por ele. Sextei sem entregar, mas me entreguei ao suspiro etnográfico por mais um dia.

Vai pra onde?

Fiz um percurso novo. Geralmente eu utilizo caminhos diferentes para ir até o local do campo de pesquisa. E percebi que, ir em horários diferentes era bom para observar nuances de momentos diferentes do dia. Mas para entregas o bom mesmo é a noite, embora seja mais arriscado.

No caminho pude observar seis entregadores utilizando bicicletas com logomarca do iFood, nas redondezas do Itaigara, por onde passei antes de ir pro ponto pela noite para saber como é a movimentação no fim de semana.

Ao chegar no local e estacionar a moto, vi um boy consertando o veículo dele, enquanto recebi a ajuda coletiva de outros dois, indicando e também manuseando as soluções. Enquanto eles fazem isso, um outro na calçada reclama dizendo “Porra, iFood só colocando pra longe”. O outro, em tom de repreender diz “Tá ruim é?” E ele segue dizendo “Não quero ir não”. O outro segue contestando “Você é nuvem, né pai? Aí não é obrigado a nada não...”.

Ouvi um dos meninos dizendo “Vá lá, tome aqui, você é irmão”. Ele estava dando um dinheiro para outro entregador poder comprar um pastel para comer, porque comentou que estava com fome.

Depois disso, um boy chegou esbravejando “Ó o descanso!”, anunciando a hora de dar uma parada. E ao sentar na cadeira, concluiu dizendo “iFood é puta é? Quem tem que se fazer é nois”.

O outro disse “O Pérola que lute”. Pérola é o nome do empreendimento correspondente a calçada onde ficamos e do qual saem a maioria dos pedidos. A gente vai percebendo a consciência que a galera tem em relação ao lugar de exploração ofertada pelas plataformas.

Depois que o outro boy comeu o pastel, mal tinha mastigado a última mordida e havia batido um pedido. Ele se apurou e perguntou pra um entregador que saia de moto “Vai pra onde?” e antes dele responder disse “Você vai me rebocar”. Daí saíram os dois, feito uma tartaruga no mar pegando carona em um outro ser veloz, num bonito mutualismo.

É comum ver os entregadores fazendo manutenção nas motos e bicicletas. Nesse dia foram duas situações. A primeira de um garoto, talvez um dos mais novos aqui do ponto. Ele estava martelando o eixo central da bicicleta, com o auxílio de ferramentas emprestadas por outro entregador. A corrente estava caindo a toda hora e ele queria evitar acidentes. Em outra oportunidade, no momento que me destaquei do ponto para ir respirar e olhar o mar, encontrei com Mandala, que estava arrumando o freio da bicicleta em uma ladeira. Quando me viu disse que estava revoltado porque havia gastado 200 reais para fazer a manutenção na oficina e ainda assim a bike não estava em dias. Hoje identifiquei outra bag, que diz “Conershop by uber”. Avistei duas motos, com cores de mochilas diferentes. Irei pesquisar do que se trata. Também tenho percebido o aumento de carros do indrive, mas pode ser apenas minha percepção aguçada com a pesquisa. De todo modo, é uma novidade. Um entregador fala, rangendo os dentes, que tem horas que dá vontade de bater nos policiais que fazem ronda. Haviam passado três motos da corporação por ali. O argumento veio em seguida quando ele disse “Você não vê eles recuperarem uma moto. Mas leva do trabalhador. Ficam buscando problema no pneu, retrovisor, documento Por ali estavam passando três garis que trabalham recolhendo lixo com carrinho de mão. Estou pensando nas diversas camadas de vulnerabilidade que existem, nos diversos trabalhos, seja na entrega das comidas ou no recolhimento do lixo delas. Um boy comenta para outro “Queria eu recusar pedido”. É realmente uma luta a que os entregadores passam para manter um trabalho desgastante e com autopressão, cada um com suas metas/necessidades pessoais. O momento de “paz” é quando eles dizem “Vou desligar o GPS e partir pra casa”. Escutei essa frase quando um deles falou que tinha feito 32 entregas, para faturar 254 reais... Nesse dia foi quando me dei conta de dois riscos que estavam ocorrendo em relação a moto que eu utilizei, uma XRE. “Desenrola”, ao me ver descendo da moto disse que eu tinha coragem de rodar com uma moto dessas. Perguntei os motivos. O primeiro, seria por conta do cabeçote dela que dá problema, sem falar na gasolina que gasta. O segundo, era referente ao risco de assalto que era grande. Hoje fui percebendo o quanto podem ser extremas as rodagens dos entregadores. Ouvi casos de quem saiu da Liberdade, pra pegar entrega no Cabula e entregar no Saboeiro. Já teve gente indo fazer entregas em Santa Mônica e Fazenda Grande do Retiro, de bike! Ou indo de moto para pegar entrega em Nazaré, até o Barbalho, por 10 reais. Fiz a simulação desses trajetos, que podem chegar a oito quilômetros do lugar de onde estamos, somados a dois ou três do trajeto das entregas. Isso sem falar a volta.

Chicleteiro eu, Rage Againsts The Ela

No caminho para o campo, próximo ao horário do almoço, avistei um entregador, que carregava várias quentinhas de comida em sacolas plásticas, sem identificação de origem do empreendimento, tampouco plataformas digitais de entregas. Fico pensando se ele pode ser melhor pago pelo seu trabalho. Ou quanto mais precarizado pode ser o serviço de entregas, mesmo fora das plataformas.

Poucos metros depois, me deparo com Bell Marques fazendo uma caminhada na pista. No momento exato em que nossos caminhos se cruzam na trajetória oposta, o bip de uma entrega soou no celular de um entregador parado na calçada. Com o olhar fixo no celular e acondicionando melhor a bag nas costas, o trabalhador nem pode perceber o frisson que estava ocorrendo do lado dele. Capaz que ele era até tiete do Chiclete, mas no momento ele era só e focadamente, entregador.

Nesse período eu estou me dividindo entre a semana de aulas do mestrado e a pesquisa de campo. A cabeça e as ideias estão “a mil”.

A partir das observações, dá pra constatar que as bags são múltiplas, pois são inúmeras as plataformas de entrega, muitas cores e marcas. Os modelos de moto e bicicletas, idem. Porém, existe uma hegemonia no padrão dos entregadores, que no geral são homens e em sua maioria, pardos e negros, ao que dá pra perceber.

Hoje estava tocando Rage Against The Machine na academia que fica no caminho do local da vivência. Quando finalmente cheguei no ponto nesse dia, encontrei a primeira mulher entregadora que utilizava bike.

O dia estava movimentado. Transalvador passando pra lá e pra cá com sirene ligada. Muita polícia no local também. Um dos meninos falou comigo de longe. Outro me viu chegando e logo chamou pra sentar junto com eles. É uma das alegrias dessa pesquisa poder vivenciar esse acolhimento que considero genuíno e desinteressado.

Os assuntos do dia iam desde relatos sobre casos de violência na cidade, um aqui e outro ali mostrando vídeos pornôns no celular. Um outro ria impressionado apresentando um vídeo de motoqueiro em alta velocidade, deitado sobre a moto, aparentemente na BR 324. Ao redor, os outros observavam as telas, impressionados, seja qual fosse o conteúdo.

Aconteceu uma resenha boa hoje, depois que um dos meninos espirrou. Todo mundo gargalhou e um deles falou “O cara não trabalha mas se diverte pra porra. Se o remédio da vida é sorrir, eu quero é ser feliz”. Um entregador me revelou que já havia sido convidado pelas pessoas do tráfico para trabalhar com eles. O fato dele conhecer muita coisa e muita gente, chamou a atenção dos antigos amigos, que agora estavam nessa atuação. Ele disse que era na época que ele “fumava”. Fomos de assunto em assunto, em momentos que me narrava situação de violência que já havia passado, com ver o primo ser morto do lado dele. E na sequência concluir que prefere muito mais estar ali, trabalhando, do que “envolvido”. Disse que com o dinheiro que faz já dá pra comprar alguma coisa para as crianças. O final de semana ficou sem rodar porque precisava cuidar de uma delas que adoeceu. Agora tinha que tirar o prejuízo do tempo que passou. Um dos boys anuncia que no fim de semana vai dar um grau na moto e arrancar a placa pra “dar o grau” e se a polícia parar, diz que caiu.

O grupo aqui da calçada fica atento aos cuidados do entorno. Quando um boy estaciona na faixa de pedestres, logo alguém vem e comenta de que ali é passagem das pessoas. Nesse mesmo dia, quando alguém estacionou na calçada, o outro comentou “E para o cadeirante passar, como faz?”. Dá pra perceber que há uma preocupação em manter a imagem do local, de que são organizados e “pelo certo”. Mas sobretudo é possível sentir que se trata de uma preocupação com o coletivo. Hoje sai a procura de um novo local para degustar uma coxinha. Encontrei uma que custa 2 reais e é muito boa. Quando retornei para o ponto, presenciei um motoqueiro empinando a moto, com uma garota na garupa, sem capacete. Vi o quanto os boys dali do grupo repudiavam a situação de insegurança. O Coroa chegou saudando todo mundo é um dos meninos comenta “Coroa batedeira”. Essa é a forma de dizer que a pessoa não para e tá entregando muito. Um dos entregadores, que é famoso nas redes sociais, está cochilando cansado na cadeira. O morador de rua que acompanha o cotidiano do grupo, ao passar por ele com sua bike, reproduz uma canção de ninar. Ele só acordou porque bem na sequência passou um adolescente empinando em uma bicicleta com motor. Após despertar com o susto, comentou em seguida “Ai depois acontece as coisas e não sabe porque foi”. Eu tinha o desejo inicial de incluir na metodologia as médias de entregadores que ficavam no ponto, o tempo, os aplicativos que rodam, tipo de veículo. No entanto, percebi durante a vivência que seriam informações que trariam muita dedicação e pouco resultado ao propósito da pesquisa. Para tentar absorver elementos simbólicos do grupo e do trabalho por plataformas, fatos e histórias revelam mais do que dados.

Por volta das seis e trinta da noite desse dia, mandei um “eu” no grupo para tentar fazer uma entrega. Outro entregador pegou primeiro. Também já estou ciente de que, mais do que fazer as entregas, é no ponto que devo ficar. Aqui não é necessariamente onde as coisas acontecem. Mas é o lugar onde elas são partilhadas. Eis que bateu certo pra mim uma entrega! Era uma pizzaria que abriu faz 30 dias. Eles tinham um entregador, mas o proprietário disse que ele “não quis” aceitar as taxas. Fiquei pensando qual seria a proposta que ele fez. O empreendimento tem bag própria e estão planejando fazer panfletagem para divulgação. Já está até encaminhada a gravação de uma vinheta para circular no bairro, aguardando o locutor marcar. A ideia é gravar na pizzaria mesmo e o próprio dono vai editar depois. Uma pessoa do mercado pago ficou de ir lá explicar como funciona e vão ver se é vantagem utilizar ou não. Depois de me entregar o pedido, o dono perguntou se poderia me enviar outras corridas, diretamente no meu contato. Respondi, automaticamente, que sim. Mas depois fiquei pensando que isso boicota e enfraquece a metodologia dos grupos. E é o que os donos de empreendimento querem: ter gente disponível, a hora e a vez deles, mas sem remunerar adequadamente. Por sorte ele não me mandou nada depois, daí nem precisei recusar. (Noutro dia eu escutei uma história de um boy que foi bloqueado dos grupos porque fez bagunça. Daí ele ficava plantado próximo aos empreendimentos, esperando pedido e atravessando o ciclo do grupo). A moça que pediu a pizza estava chateada com o GPS que tinha colocado a localização na rua de cima, novamente. Falei com ela pelo aplicativo e me explicou como chegar até a casa. “Precisa descer a escadinha e seguir”, disse ela. Foi o que fiz. Estacionei a moto lá em cima e fui embocando. No caminho, um senhor escuta Roberto Carlos no rádio. Deparei com a casa amarela que ela indicou. Foi só aguardar um pouco e consegui entregar a pizza. Cheirava muito. No caminho para essa entrega, um boy me encontrou. Reconhecendo-me, buzinou de imediato. Ele só me viu no ponto. Ele já me (re)conhece na rua. Eu já me sinto parte. Hoje parei para conversar com meu amigo Elinas. Ele é músico, compositor, ator, produtor e outras coisas mais. A ideia da prosa era falar sobre o podcast que desejo construir como produto desse trabalho. Passamos uma bonita tarde no Velho Espanha, traçando planos. Nesse dia eu não rodei. Tive aula falando sobre método indutivo. Ajudou a reforçar a ideia de contemplar e depois ir na teoria tentar explicar. Vai ser muito legal.

Todo dia é santo. Pois todo dia é santo.

É dia de Santo Antônio, dia de finalizar trezenas por toda região crente do glorioso. Hoje mapeei mais bags diferentes, dessa vez foi da James, com adesivo do bonzo. Do lado tinha outra da Freetfast do lado. Estava pensando no poder da informação. Eu participo de um, dos possíveis milhares de grupos de whatsapp que utilizam a plataforma para entrega e a coisa funciona bem, talvez melhor que as plataformas ou minimamente mais justa. Um motorista de carro de linha da minha cidade, quando viajei com ele, escutava áudios e mais áudios de outros grupos, trocando informações sobre polícia rodoviária - potenciais entraves, uma vez que fazer transporte de passageiros com carro não autorizado pode gerar um grande problema. Vários códigos inteligíveis pra quem absorve de fora "12x8", "Cruze", "Viaduto Sem Terra", "Posto", "O homi" e por aí ia. Nesse dia no ponto, um boy narrava a vantagem de nunca ter tomado um bloqueio se quisesse no aplicativo, em cinco anos de rodagem. E comentava que todo mundo já ficou bloqueado algum dia. Geralmente os bloqueios acontecem quando há rejeitos excessivos de pedidos. Ou quando a plataforma decide que quer fazer, o que é comum. Outro entregador comentou por ali "Pedido de São Caetano, pra Pirajá, por 11 reais". Um outro boy compartilha a ideia que teve e que irá pagar 170 reais para uma mulher confeccionar um suporte para a bag na moto. Tecnologias compartilhadas, sempre e a todo momento por ali. Ocorreu uma situação de furto de um celular da esposa do dono da quitanda que fica aqui próximo. Alguém entrou e pegou o aparelho dentro da lojinha. Momentos antes, uma mulher que saiu da lanchonete, estava olhando atravessado para o grupo na calçada. Ela acreditava ter sido roubada. Depois descobriu que tinha esquecido o telefone. Um dos meninos comenta "Laranjada isso aí". É legal que, mesmo com todas as metas e cansaço, a galera faz questão de ficar no espaço de apoio, mesmo sem estar na ativa. Um comentário reforçou essa sensação. "Se eu for pra casa eu vou é dormir", comentou um entregador, reforçando a vontade que tinha de ficar por ali, só por estar. Um dos meninos me alertou, indicando o lugar no mapa e dizendo "Não entregue aqui depois das nove".

Tartarugas até lá embaixo

O mar está revoltado que só ele. Muita chuva hoje. Pelo caminho, muitos entregadores se abrigando como podem. Outros só encarando os pingos. Segui aqui fazendo o “meu caminho da roça”, como dizemos no interior, para mais um dia de campo. Eu estava com saudade desse percurso, pelos dias que passei fora. Só de corpo, porque a cabeça estava aqui nas histórias. Um motoqueiro passa no sinal vermelho, pondo a mão na placa pra não ser flagrado pelo radar. A habilidade parece denunciar a prática na prática. “Tô começando a rodar tarde demais... tenho que começar mais cedo, que é o horário que as pessoas esquecem as coisas”. Disse um boy do meu lado, puxando assunto. Ela está se referindo aos pedidos para entrega de objetos. Geralmente as pessoas esquecem coisas em casa ao sair para o trabalho e suas atividades. É um prato cheio para quem roda por aplicativo de entregas. Uma das bikes que está apoiada pelo pedal no meio fio, tombou. Levantei para colocar no lugar. O dono agradeceu. Outro boy passa por mim e oferece refrigerante. O brother da Pop do carregador tá se queixando que ficou o dia todo na Bela Vista para ganhar 30 conto. O assunto rolando solto, enquanto a chuva cai. Ouvi que “Pra quem tem emprego fixo, não compensa Uber. Tem que ser ifood”. Os meninos estão conversando sobre a Uber só aceitar habilitação permanente. Um deles está gerenciando umas compras que fez na shopee. Descobri hoje que o valor do aluguel da Mottu é de 20 reais a diária. É um aplicativo/plataforma que disponibiliza veículos, sobretudo para entregadores. Ali no ponto, só um deles utiliza. Mas já venho vendo várias na cidade. Hoje identifiquei um entregador novo.. Parte da galera rodava em outros tempos, daí reaparecem. Outros passam só para saudar. Dá pra perceber pelas conversas. São muitos fluxos. Esse é novo no meu recorte de tempo. Há um detalhe muito importante, ele guarda as palavras e dedica o silêncio dele para ler um livro. O título é “Tartarugas até lá embaixo”. Pesquisei e o autor, chama-se John Green. Mais uma bag, dessa vez, da Bee.

Palafiteiros do asfalto

Sai preparado para chuva, dado que ontem foi água dura. Mas hoje tá só nublado. Antes de chegar no ponto, passei pra ver o mar. Tá forte ainda, espirrando alto quando bate nas pedras. Um carro colou na minha perna no sinal. O outro buzinou no milésimo de segundo que a luz ficou verde. O trânsito, por si, é uma correria. Imagina fazendo entrega. Identifico mais uma bag de entregas, de nome Mandacaru shop. É bem bonita. Nessa coisa da diversidade, fiquei tão fissurado que não consigo mais ser indiferente ao tema. Se a moto tem uma bag ou um baú traseiro, já fico olhando pra saber do que se trata. Pode ser de coleta de sangue, a restaurante, estou de olho. A galera no grupo do whatsapp dos boy está falando sobre “moto descartável”. São aquelas com documentação fria, que só dá pra usar quando não tem fiscalização. Trocam informações sobre valores, dificuldades e afins. A capacidade da autorganização e resiliência da galera lembra o espírito dos moradores das palafitas, que se refaziam a todo instante, sempre que eram despejados e expulsos dos locais onde habitavam, com uma eficiência e resistência ao se recompor, mesmo nas condições de vulnerabilidade. Fui até um lugar isolado e fumava um cigarro enquanto fazia anotações no diário de bordo. Um boy me avistou e brincou dizendo “Veio fumar maconha aqui foi?”. A gente riu e ele seguiu. Nem tudo eu consigo escrever ao tempo dos fatos. Então é rotina aproveitar a calma, mesmo que na rua, para fazer esse exercício de sistematização. A rua tem sido sempre melhor, sobretudo depois da pandemia. *Lalamove*, é a nova *bag* mapeada do dia. Retornando ao ponto, encontro um Dubai carregando três chaves mecânicas. Estava indo arrumar o freio que estava travando e a embrenhagem que deu problema. Estava injuriado. Um outro comentou dali “Comprei as chaves pra ter minhas coisas, não gosto de nada emprestado”. Em primeira análise, poderia ser uma fala que soasse egoísta. Mas a verdade é que ele estava se queixando pelo fato de não estar com elas ali, à mão, para poder emprestar para o parceiro que estava precisando. Todo mundo reclamando que as entregas estão fracas. Pela análise microeconômica dos meninos, é o fato de ser véspera de São João. Está todo mundo economizando, preparando compras, viagens e outras coisas. Eles tem plena noção dos ciclos e sazonalidades ao longo do ano.

Um comenta “Dia primeira e dia 16 eu não trabalho, tenho que descansar. O outro fala em seguida: “Eu também sou assim”. Chega outro dizendo “Laranjada na Suburbana: blitz”. O boy que está do meu lado na calçada completa dizendo que esses dias prenderam o carro do pai, com tudo em dias.

Por ali o clima já é de São João. Toca forró em todos os cantos. Crianças passando na calçada com roupas típicas do período. Alguns dos trabalhadores estão planejando viagens, outros falam de festas. A grande maioria diz que só quer aproveitar o período para “Fazer corre no São João”. Por ali está tocando Dança do Ventre, do Bonde do Maluco. É o clima.

Sendo ou não véspera de alguma coisa. As rotinas se repetem. Mais um entregador auxiliando o outro colocando o pedido na bag. Sou também parte já do ciclo de reciprocidade. Acabei de contribuir tirando a dúvida de um endereço para um entregador que me perguntou, sem nunca nem ter me visto. Eu nem era o único no ponto, que fique claro.

“O diabo bota o prato, come quem quer”. Só escutei, não sei o contexto. Às vezes eu não pego tudo. Às vezes os meninos largam filosofias gratuitas e com conexões próprias.

Parei novamente no restaurante da esquina onde costumo espremer, anotar alguma coisa ou comer outras. Na educadora Tom Zé está dizendo:

*Bob Dica, diga
Jimmy renda-se
Cai cigano, cai, camóni bói*

Mas aqui, no corre que acompanho, ninguém se rende e boy não cai!

Na sequência, vem essa do Ronei Jorge e os Ladrões de bicicleta:

*Se passo a semana inteira isso me vicia
Essa promessa duvidosa, o meu dia-a-dia
Precisa aparecer dinheiro, aparecer amor
Leva na lábia essa vidinha que me apareceu.*

Eu decidi ficar mais um tempo ali para descansar a mente, que quando está nas histórias do ponto, parece que vai fritar. Mas depois que escutei essa música na rádio, bateu tão forte com o momento, que achei melhor ir-me embora.

*São tantas saída dadas ao absurdo
São tantos sabores desnutridos
Veneno para o dia corrosivo
Desequilibra
Desequilíbrio*

*Certas contradições
Desconcertado, desgovernações
Prostituído, descalço no chão estilhaçado
Desequilibra
Desequilíbrio*

*O passo pro fim foi conquistado
Desdem tão comum em meus ouvidos
Ligado na sobra do pedido
Desequilibra
Desequilíbrio*

*Mais sobras dadas ao desperdício,
Mais veia tapadas por excesso
Mais contribuindo incentivando
Desequilibra
Desequilibrando*

Quando cheguei no ponto, como sempre, olhando que rolava no grupo de entregas e no grupo dos boys, vi que alguém perguntou se conhecíamos alguma revendedora Romanel. Nesse momento me lembrei de todas essas “plataformas” de revenda de produtos e o quanto que elas teriam relação com os atuais modelos de uberização do trabalho. Avon, Jequiti, Herbalife, MaryKay, a famigerada Polishop, cada uma com seu método, utilizando-se do capital empreendido pelos/as colaboradores, para propagarem suas marcas e escoar seus produtos. Nada novo entre o céu e a terra. Quando retornei pro ponto, escutei um dos entregadores dizer “Tô com uma fome da zorra...” e murmurou franzindo a testa. O outro respondeu de lá “Ah é? Depois entre na fila!”. Não tinha ninguém distribuindo nada não tá. Era só o segundo denunciando que também estava.

Escutei um comentário de um boy dizendo que faturou 180 reais no dia dos namorados. Rodou das duas da tarde até as 22h. Disse que se ficasse até onze ele chegava nos 200. E voltam as conversas sobre São João. Novamente falando sobre quem viaja, quem não viaja. Um deles resume “Rodar a batedeira pra ficar com dinheiro!”. Daí o outro, que pela fala não vai mesmo viajar, comenta “E você acha que vai pegar tudo sozinho é?”. Todos caímos na risada. A essa altura, já consegui acompanhar vários ciclos de entregadores que são frequentes no ponto. Outros que desaparecem alguns dias e retornam. O incrível é que parece que nunca estiveram fora. Quando é por pouco tempo a reconexão é automática. Inclusive no meu caso, quando viajei durante o período de pesquisa. Enquanto me despeço de um entregador que estava indo pra casa, porque não conseguiu consertar totalmente o freio da moto, estive pensando nessa coisa de fazer entrega a noite. Muitos dos meninos têm preferência pelo período diurno. Outros fazem o corre noturno. E eu, que não sou da noite, tenho limites, deixo pra quem sabe lidar com ela. Recebi meu pagamento no Hot Dog. A moça me agradeceu, mas sem olhar pra mim. Com a mão estendida, me entregou seis reais, enquanto a esquerda elegia a opção “débito” na maquininha que passaria para um cliente na sequência. Essa lanchonete que fiz entrega é uma das que mais tem fluxo no grupo. O pacote dos lanches tem uma frase do Charlie Brown Jr, que diz “Vou te levar. Te levar daqui”. Várias referências. Quando retornei do pedido, O Careca estava lendo em voz alta uma notícia no celular, falando sobre caso de varíola. Aquilo me despertou um gatilho, lembrando das questões de pandemia, ainda muito recentes. Ainda bem que ele não seguiu com a notícia. Interrompeu a narração dizendo “Sussuarana”. Era pedido batendo pra ele. Hoje foi dia de mapear a Giross, quem tem como slogan a frase “Em qualquer lugar, a qualquer hora”. Avistei em uma bag de entregas. É bem o que todas elas prometem entregar, para quem usa o serviço, custe o que custar, para quem opera o serviço. Tem dias que faz Sol. Tem dias que faz chuva. “Sua fome cabe aqui dentro” diz a frase na bag do *iFood*. Fico pensando nas diversas vezes que escutei a galera do ponto falar sobre estar com fome e do quanto também já li de relatos sobre ser um fato comum para quem trabalha com entregas: rodar com fome. Daí fica o questionamento se a frase é para quem pede ou para quem próprio carrega.

Enquanto pensava na questão, escuto um boy narrando a recente ocorrência na entrega dele. Disse que a mulher mandou mensagem dizendo “Suba aí” e ele respondeu que não subia. A pessoa contestou dizendo que também não iria descer. Os dois ficaram no impasse, ele “derrubou” o pedido, alegando o justo. Um dos meninos me conta inconformado que a sua CNH estava liberada para impressão, mas que no aplicativo não estava. Coisas que podem parecer irrelevantes na vida cotidiana de outras pessoas, podem ser um grande entrave na vida do entregador/a. O boy chega na calçada e arreia a bag perguntando “Ta bateadeira hoje?”. Aparentemente ele irá começar as corridas nesse momento. A galera contesta. Um diz que só fez 4 até ali. O outro menos, fez duas. Daí o primeiro arremata com “Calma, calma, tem dias que faz Sol, tem dias que faz chuva.” No dia anterior ele disse que tinha feito “duzentão”. Tá passando por ali o vendedor gritando a propaganda do seu abará temperado. Mas foi engolido pelo barulho do carro de som que passa na rua. Estou louco pra comer esse abará. Espero conseguir até o final da pesquisa. Por ali seguem várias conjunturas voltadas ao São João e outros temas. Tem gente explicando funcionamento de plataforma, informando que depois de dia feriado, vem a “ressaca do aplicativo. Bate nada!”. Um deles diz “Eu já sei como funciona a iFood”. O outro comenta “Apois me ensine, que não aguento mais pegar corrida da uber de 4 conto”. Do meu lado, um boy se queixa desesperado ao descobrir que o crédito que o pai colocou em seu celular, só dura quinze dias. Do outro, meninos conversam sobre jogos de apostas virtuais. Um diz que “Joguei 20, ganhei 450, já ganhei o Sanju”. Depois ficamos lembrando do tempo das máquinas caça-níqueis. Cheguei a uma constatação importante hoje, sobre uma grande diferença entre rodar por aplicativo e rodar fazendo entregas através dos grupos de whatsapp. No app, o pedido te encontra. No grupo, você encontra o pedido. É tanta relação e confluência de ideias que me ocorreu o fato de que o que escrevo aqui, é um açude pequeno de deságuas, em meio a um mar de vivências e ideias ao longo do caminho. Agora de repente, todos que rodam por aplicativo e estão ali no ponto, estão tomando rejeite relâmpago. Todo mundo tendo pedido rejeitado. Um deles desliga o app para ver se melhora. O outro se queixa dizendo “Como faz isso com o boy, o dia todo pra pegar duas corridas”. O pedido de um deles desaparece da tela. Ele também decide reiniciar para ver o que acontece. Enquanto todos tentam se ajeitar, um anuncia que está indo pegar um pedido na Barra, para levar até o Rio Vermelho, por 29 reais. “Vou pra bater minha meta” e mete o pé. Enquanto pensava na questão, escuto um boy narrando a recente ocorrência na entrega dele. Disse que a mulher mandou mensagem dizendo “Suba aí” e ele respondeu que não subia. A pessoa contestou dizendo que também não iria descer. Os dois ficaram no impasse, ele “derrubou” o pedido, alegando o justo.

Um dos meninos me conta inconformado que a sua CNH estava liberada para impressão, mas que no aplicativo não estava. Coisas que podem parecer irrelevantes na vida cotidiana de outras pessoas, podem ser um grande entrave na vida do entregador/a. O boy chega na calçada e arreia a bag perguntando “Ta batadeira hoje?”. Aparentemente ele irá começar as corridas nesse momento. A galera contesta. Um diz que só fez 4 até ali. O outro menos, fez duas. Daí o primeiro arremata com “Calma, calma, tem dias que faz Sol, tem dias que faz chuva.” No dia anterior ele disse que tinha feito “duzentão”. Tá passando por ali o vendedor gritando a propaganda do seu abará temperado. Mas foi engolido pelo barulho do carro de som que passa na rua. Estou louco pra comer esse abará. Espero conseguir até o final da pesquisa. Por ali seguem várias conjunturas voltadas ao São João e outros temas. Tem gente explicando funcionamento de plataforma, informando que depois de dia feriado, vem a “ressaca do aplicativo. Bate nada!”. Um deles diz “Eu já sei como funciona a iFood”. O outro comenta “Apois me ensine, que não aguento mais pegar corrida da uber de 4 conto”. Do meu lado, um boy se queixa desesperado ao descobrir que o crédito que o pai colocou em seu celular, só dura quinze dias. Do outro, meninos conversam sobre jogos de apostas virtuais. Um diz que “Joguei 20, ganhei 450, já ganhei o Sanju”. Depois ficamos lembrando do tempo das máquinas caça-níqueis. Cheguei a uma constatação importante hoje, sobre uma grande diferença entre rodar por aplicativo e rodar fazendo entregas através dos grupos de whatsapp. No app, o pedido te encontra. No grupo, você encontra o pedido. É tanta relação e confluência de ideias que me ocorreu o fato de que o que escrevo aqui, é um açude pequeno de deságuas, em meio a um mar de vivências e ideias ao longo do caminho. Agora de repente, todos que rodam por aplicativo e estão ali no ponto, estão tomando rejeite relâmpago. Todo mundo tendo pedido rejeitado. Um deles desliga o app para ver se melhora. O outro se queixa dizendo “Como faz isso com o boy, o dia todo pra pegar duas corridas”. O pedido de um deles desaparece da tela. Ele também decide reiniciar para ver o que acontece. Enquanto todos tentam se ajeitar, um anuncia que está indo pegar um pedido na Barra, para levar até o Rio Vermelho, por 29 reais. “Vou pra bater minha meta” e mete o pé. Fiquei pensando se faz sentido deslocar alguém de outro lugar distante, para entregas ainda mais distantes. Não sei, mas o pedido levou o brother dali. Aproveitei o embalo, dado o horário, fui embora também. No caminho de volta, escutei o porteiro de um hospital anunciar o itinerário a um motorista de táxi. Ele confirma o valor e os dois se acertam. Pode ser que não seja justo, mas o certo é que, naquele momento, o taxímetro não ia rodar. Taxímetro, bandeira 2, alguém lembra disso? Como funcionava? Quem tem saudades de quando o medo era da tal bandeira 2? Nesse dia, Sis motos e Santana express foram as plataformas mapeadas.

Cruz das almas

Hoje foi o dia em que o São João chegou ainda mais perto; senti o primeiro cheiro de pólvora no bairro. Vários dos entregadores estavam narrando histórias de queimaduras envolvendo guerras de espada. No grupo do WhatsApp, alguém comentou que quem fica ali, no ponto onde faço a pesquisa, é porque “não tá atrás da moeda”. Fiquei me perguntando o porquê do comentário. Será que é porque brincam muito entre si e conversam bastante? Seria porque se divertem enquanto trabalham? Qual seria a onda? Esse comentário me soou meritocrático, carregado da ideia de que “trabalho é trabalho”, e a fala escrita veio de outro entregador que usa o grupo como apoio também.

Escutei uma história inacreditável hoje. Um entregador me contou que, um dia, estava trabalhando e, quando passava por uma rua ali perto, um carro deu uma ré repentina e acertou a moto dele. Era um policial, fardado e alcoolizado. Depois de ver a moto, imaginou logo que ali já era, ia ficar no prejuízo. O resultado é que o polícia pegou o contato dele e pediu para mandar o valor do conserto. Ele, temeroso, fez o serviço, mas ficou esperando. Para sua surpresa, recebeu 300 reais. Deu para fazer o reparo e ainda sobrou, segundo ele.

As notícias aqui, no momento, são de que está acontecendo um assalto na rua de trás. De repente, passam dois homens de moto, e o garupa está com a mão na placa do veículo. Nos grupos, já não se fala em outra coisa. O assunto morre e é trocado por impressões sobre os valores de paredão automotivo e a influência disso nas festas de São João. Onde será que terá o melhor paredão? Qual o melhor pico para ir?

Aos poucos, de maneira natural, sinto o ponto ficando vazio. Ou seria o meu vazio interno, que estava me tomando ao sentir o oco que ficaria em minha existência sem essas entrevidas todas? O tio do ponto foi um dos últimos que vi sair. Fiquei pensando: “Será que ele sai agora no São João e volta a rodar só no São Pedro?”. Nunca saberei.

Por fim, os meninos me viram perto da moto em que estou e fizeram uma brincadeira derradeira. Disseram que iam multar a minha moto, pois ficaram impressionados que eu estava rodando com um modelo incomum. Rimos. Depois disso, foi como no episódio do Chaves em Acapulco, que, antes de qualquer outra alegria, viu a vila se esvaziar. Assim me despedi daquele ponto, que tinha sido o meu barril nos últimos dias. Lugar inicialmente estranho, que agora embrenhou sentido de casa.

Seguindo o ritmo do que nos encanta Gil, uma vez lidos estes materiais, acreditamos que cada um saberá ao que estou me referindo, pois a vivência de que se trata não é novidade, está apenas sendo desvelada. Seja no formato de contos ou na escrita narrativa dos fatos, o que se espera é trazer elementos para o importante debate do mundo do trabalho *plataformizado*.

8.1.A NOVIDADE

Existem uma gama de experiências e modais de entregas que utilizam plataformas digitais, por todo o mundo, mas que tem como base os elos de solidariedade e cooperação. E é sobre elas que trataremos a seguir. Não se trata de uma ontologia do que existe sobre o tema, apenas um compilado das iniciativas, cuja o conhecimento de sua existência foram chegando ao longo da trajetória. É curiosa – e é interessante registrar – a forma espontânea com que elementos cruciais sobre a pesquisa nos chegam. É fato que, uma vez ligado o modo “pesquisador”, o radar para o tema (e hoje em dia, o próprio algoritmo), nos abarrotam de informações, seja pelo olhar ou pelo celular. Descobri uma experiência emblemática antes da escrita do pré-projeto, e até a usei como parâmetro para estruturar a pesquisa. Outra me foi apresentada ainda na entrevista de seleção. Durante a residência social, pude ver e saber de diversas experiências. Mas, o que mais chamou a atenção foi saber, através de um colega do curso de mestrado, que na cidade onde foi desenvolvida a pesquisa, havia um grupo de *whatsapp* desenrolando entregas por todo lugar. Pasmei ainda mais ao saber que é mais comum do que imagino(amos).

A Coopcycle (<https://coopcycle.org/en/>), uma federação de entregas cooperadas que utiliza apenas o modal de bicicletas, por ter um viés ecológico, busca desenvolver uma gestão democrática de cooperativas de entregas, utilizando, inclusive, plataforma digital de código aberto, podendo ser replicada em qualquer parte do globo².

O Mensakas (<https://www.mensakas.com/>), atua com o princípio de entregas responsáveis em bicicleta, também como modal único. A experiência também possui plataforma digital própria.

O Entregadores Antifascistas (https://www.instagram.com/entregadores_antifascistas/), nasce do primeiro “Breque dos Apps”, durante a pandemia da COVID-19. O movimento atua,

² Durante um curso virtual sobre cooperativismo de plataforma, descobri que a Argentina está implementando, com auxílio do Estado, o formato utilizado pela Coop Cycle, adaptando a plataforma para a realidade local.

sobretudo, denunciando as condições de trabalho atreladas às entregas via plataformas digitais, no ramo de alimentos. O coletivo ensaia processos de institucionalização e criação de plataforma própria para atuação com entregas.

O Señoritas Courier (<https://senhoritascc.com.br/>), um serviço de entregas de encomendas da cidade de São Paulo, também feito exclusivamente por meio de bicicletas, é uma experiência que trata, mais ainda, sobre as questões de gênero, dentre outras formas, mas sobretudo pelo fato de só terem mulheres entregadoras. O grupo está em vias de institucionalização e pretende ter também sua plataforma própria. Por enquanto, o coletivo utiliza (assim como a experiência de campo desta pesquisa) o *Whatsapp* como forma de conectar entregas.

O Pedal Express (<http://www.pedalexpress.com.br/>), é uma iniciativa do sul do país, localizada em Porto Alegre e que, desde 2010, vem atuando no seguimento de entregas, engajadas com as perspectivas associativistas. Também faz uso de bicicletas para realização de suas atividades.

O LadyDriver (<https://www.ladydriver.com.br/>), é uma experiência que carrega princípios inovadores caros a esta pesquisa. Embora a lida seja com transporte de passageiros e não no formato das experiências anteriores, a plataforma pretende construir um ambiente seguro para mulheres. O aplicativo só permite motoristas mulheres e transporta mulheres e crianças. É, inclusive, a primeira plataforma autorizada no transporte de crianças. O app funciona desde 2017 e vem se espalhando pelo país.

Um importante bônus da era digital é poder conectar pessoas que possuem interesses comuns. Nestes casos, aqueles que desejam trabalhar de maneira digna e os que almejam obter serviços de qualidade, sem a necessidade de precarização do trabalho alheio. Assim, redes justas de entregas vão se constituindo pelo país, sejam a partir de grupos institucionalizados ou iniciativas não formalizadas. Seja com a utilização de plataformas próprias ou via instrumentos convencionais de comunicação. O importante aqui é elucidar a perspectiva ampla e dinâmica das possibilidades de desenvolvimento territorial, que podem ocorrer a nível macro e em menor proporção, mas igualmente revolucionárias.

8.2.TECNOLOGIA DE GESTÃO SOCIAL

A partir do que foi possível ser vivenciado e discutido através deste trabalho, chegamos à elaboração da TGS – Tecnologia de Gestão Social. Elaboramos um caderno de inspirações metodológicas que tem por objetivo (re)pensar o mundo das entregas via plataformas digitais, a partir de princípios de solidariedade e cooperação.

A TGS “Caçuaá”, que em tupi guarani quer dizer “cesto para transporte”, carrega consigo um prisma de possibilidades integradas, a serem empreendidas junto a grupo de pessoas interessadas em construir modelos alternativos para o trabalho das entregas. Conforme vimos no decorrer deste trabalho, resistir não é uma novidade. O que imaginamos para essa TGS é a função de apoiar iniciativas que desejem ressignificar sua prática ou que grupos sejam formados para organizar de maneira justa e solidária esta forma de trabalho. Assim, o desejo inovador deste trabalho que ir além do apelo futurista das tecnologias de informação e afins, conectando-se ao que há de mais sofisticado: o poder de cooperação do ser humano.

“O futuro é ancestral e a humanidade precisa aprender com ele a pisar suavemente na terra”, é o que nos ensina Ailton Krenak. Dessa forma, sem pretender listar passo-a-passo ou receitas de sucesso, o “Caçuaá” se posiciona como um caleidoscópio teórico-prático, rumo às novas auroras do trabalho via plataformas digitais.

O material poderá ser utilizado por instituições dos setores público, privado e organizações sociais que tenham interesse em fomentar esse formato de trabalho. Incubadoras tecnológicas, instituições de Estado e políticas públicas poderão elaborar e instituir frentes de apoio, a partir da realidade exposta nesta pesquisa e inspirando-se nas proposições desta TGS.

Para corroborar com as práticas de troca de saberes e livre utilização, o “Caçuaá” apresenta caminhos e diretrizes baseados no *Creative Commons*, nas metodologias livres, na economia solidária, comércio justo e finanças solidárias, tendo como prisma principal a solidariedade nas organizações.

A replicação desta metodologia pode e deve ser desenvolvida por qualquer agente social, sem necessidade de prerrogativas formativas ou vínculos institucionais. Não havendo, também, a necessidade de atuar somente ou prioritariamente com grupos formalizados, tampouco encaminhá-los para a institucionalização e/ou criação de plataformas digitais próprias, como caminho natural. Que sejam dedicados os esforços para a realização dos desejos coletivos.

Experiências da economia popular e economia solidária podem ser criadas ou potencializadas, através dos caminhos de gestão social sugeridos pela TGS deste trabalho. Na busca por autonomia aos grupos e redes que labutam com o tema das entregas, é importante destacar que a posse da tecnologia é elemento fundamental para o alcance da soberania. É importante, mas não bastaria apoiar o uso de tecnologias que seguem explorando seus usuários, seja através do compartilhamento de dados ou com desembolsos de fato. Por isso, experiências das finanças solidárias, a exemplo dos BCDs (Bancos Comunitários de Desenvolvimento), Cooperativas de Crédito, Fundos Rotativos, dentre outras, devem ser evocadas para participar de processos constitutivos nesta área laboral, auxiliando através da disponibilização de crédito solidário, para as mais diversas necessidades, como também participando através da realização de operações de pagamento, parte crucial do funcionamento das plataformas digitais e que, via de regra, são feitas por instituições convencionais como Banco do Brasil, Caixa Econômica, Picpay etc.

Ao redirecionar as operações para redes da economia solidária, os recursos que outrora seriam canalizados para instituições externas aos princípios de cooperação e solidariedade, galgariam, além de alinhamento político-ideológico e de construção em rede, também a possibilidade de gerar recursos através das operações de pagamento que podem ser reinvestidas no processo de viabilização das experiências do cooperativismo de plataforma, por exemplo. É um desafio necessário, que pode catalisar muitas experiências. O Tecnologia de Gestão Social “Caçá” visa contribuir com essa abertura de caminhos para quem sabe, forjarmos realidades em que os/as trabalhadores tenham soberania ao dominar as tecnologias que utilizam.

CAÇUÁ

.....

Redesenhando práticas solidárias no mudo
das entregas via plataformas digitais

APRESENTAÇÃO

Este é um caderno que reúne inspirações metodológicas para se (re)pensar os caminhos laborais no universo das entregas via plataformas digitais. Nele estão sistematizadas proposições para subsidiar o apoio e fomento a grupos solidários de entregas, cooperativas ou associações de entregas, bem como a trabalhadores/as autônomos da economia popular que trabalham nesse segmento.

O exercício de (re)desenhar práticas solidárias, aqui empreendido, está lastreado no entendimento de que a humanidade, de maneira orgânica, possui e desempenha ações de cooperação. Portanto, não se trata de um passo a passo para o sucesso no trabalho plataformizado¹, mas sim da ideação de que é possível observar e catalisar princípios de solidariedade por meio da gestão social, do associativismo, cooperativismo, além de auxiliar aqueles/as que desejam trabalhar de maneira livre, sem vínculos institucionais.

1. Lógicas de trabalho que utilizam plataformas digitais

A proposta deste caderno é (re)unir elementos ancestrais que compõe os fazeres humanos, com artifícios da contemporaneidade. Assim, tratamos do uso dos sonhos como forma de planejamento e tomada de decisão, como era feito em outras épocas da humanidade. Bem como instrumentos ligados a digitalização e até o uso de inteligência artificial, em prol do benefício coletivo.



do Tupi Guarani
caá-açoiá –
cesto para
transporte

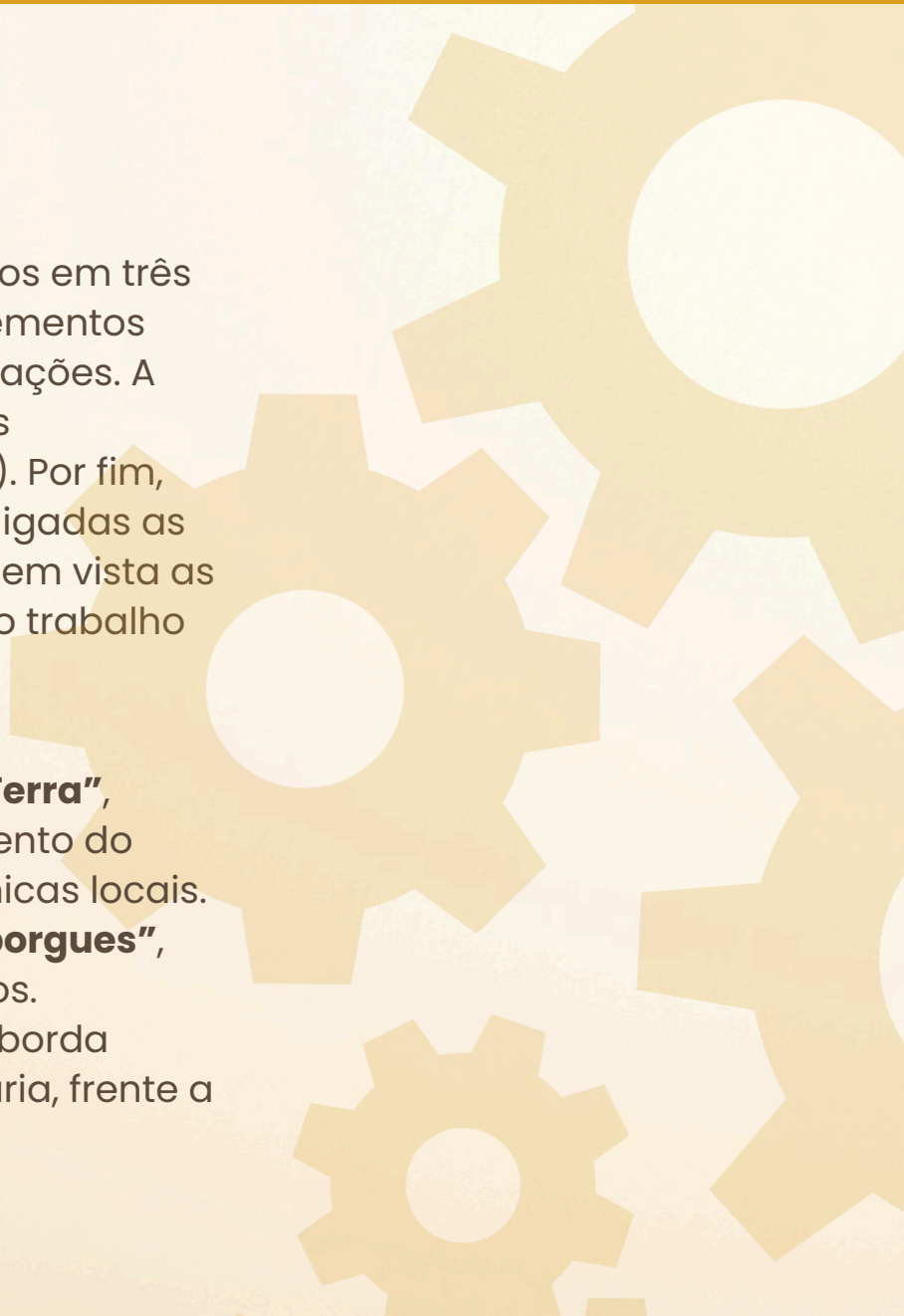
Caçua é o nome dado ao cesto para transporte, comumente feito de cipó, ou também a caixotes de couro. Ambos podem ser utilizados como bagageiros em animais. Em feiras livres, esse sistema de “entregas” ainda hoje é parte da economia. Com a multiplicação das formas de entregas por plataformas digitais, sobretudo nos grandes centros, ocorrem processos de desenraizamento da economia.

A metodologia Caçuá visa costurar elos de solidariedade, aliando o paradigma das plataformas de entregas às possibilidades de cooperação.

METODOLOGIA

Os processos foram aqui divididos em três etapas. A primeira tratará de elementos ligados ao enraizamento das relações. A segunda, sobre os protagonistas (trabalhadores e trabalhadoras). Por fim, serão discutidas possibilidades ligadas as estratégias de aplicação, tendo em vista as dificuldades atuais do mundo do trabalho plataformizado.

A primeira etapa, chamada **“A Terra”**, envolve pesquisa e reconhecimento do território e das relações econômicas locais. Em seguida, temos a etapa **“Ciborgues”**, passos que tratam dos indivíduos. Finalizando com **“A Luta”**, que aborda princípios de organização solidária, frente a precarização do trabalho.



A Terra



Perspectivas sobre território e territorialidade, análise das redes institucionais locais, além das especificidades e potencialidades do estado, região, cidade ou bairro onde seja possível desenvolver a metodologia.

1. Pesquisa; 2. Mapeamento; 3. Organização Social

Ciborgues



Perfil social de grupos de entregadores já existentes ou de pessoas com o desejo de se autorganizar para tal. Reflexão sobre limites das tecnologias da informação como suporte ao trabalho humano evitando sua substituição.

4. Democratização tecnológica; 5. Domínio tecnológico

A Luta



Organização de crédito solidário e fomento à democratização de direitos básicos trabalhistas e de cidadania. Constituição de redes solidárias que integrem empreendimentos e entregadores/as.

6. Finanças Solidárias; 7. Cidadania

Os caminhos metodológicos do Caçuá propõem-se a ser desenvolvidos de maneira orgânica, podendo ser ativados individual ou coletivamente, sempre com o objetivo de fomentar a autorganização dos indivíduos.





1. Pesquisa

É importante iniciar um trabalho de pesquisa junto a grupos ou pessoas interessadas em constituir processos de autorganização das atividades ligadas às entregas via plataformas digitais.

Esse processo envolve estudos qualitativos e quantitativos, podendo ser realizado por órgãos de Estado, organizações do terceiro setor, instituições de ensino, associações, cooperativas e pessoas autônomas imbricadas ao tema.

O objetivo é entender a disposição de empreendimentos e trabalhadores/as interessados em compor o processo de (re)desenho das práticas, traçar diagnósticos coletivos situacionais e planejar ações coletivamente.

Para experimentar metodologias agroecológicas de diagnóstico coletivo e reflexão com grupos, indicamos o **Caderno de Metodologias: Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico**





2. Mapeamento

Após a coleta das informações iniciais, é interessante desenvolver um recorte espacial de atuação dessa potencial rede solidária de entregas, incluindo os empreendimentos e entregadores/as diagnosticados na sessão anterior.

Uma vez realizado o mapeamento, é possível constituir, inclusive, mapas afetivos locais, por meio de metodologias de biomapas ou até mesmo via plataformas gratuitas como Google Maps².

Essas informações serão importantes tanto para o delineamento de valores de trajetos/entregas quanto para que as pessoas se reconheçam territorialmente.

O objetivo a médio e longo prazo, é poder alcançar a soberania tecnológica através de plataformas próprias, desenvolvidas e geridas pelos/as trabalhadores. Entretanto, entendendo que pode haver um processo transitório através do acúmulo solidário dessas riquezas que também foram geradas coletivamente, embora expropriadas, até chegarmos em um modelo sustentável e soberano.

2. Outros territórios já conseguiram desenvolver tecnologias próprias de georreferenciamento, fazendo frente a plataformas como o Google Maps, que inclusive cobra taxas para cadastros que o utilizam comercialmente. Porém, essa ainda não é uma realidade disponível à todas as populações.



3. Organização Social

A etapa de Organização Social também envolve mapeamento, porém, desta vez, voltado às instituições territoriais interessadas em compor a rede de apoio e fomento às práticas solidárias de entregas via plataformas digitais.

Toda e qualquer instituição ou grupo indicado e consensuado coletivamente poderá fazer parte.

Câmara de Dirigentes Lojistas, (CDL), comerciantes locais, secretarias municipais, organizações não governamentais, organizações religiosas, instituições de ensino e pesquisa, e associações comunitárias são alguns dos exemplos.



4. Democratização Tecnológica

O processo de democratização tecnológica envolve desde acesso à internet (pontos fixos e móveis) até equipamentos e facilidades voltadas à tecnologia da informação. Sabe-se que, para desenvolver o trabalho de entregas, há itens básicos, como celular para uso de aplicativos, que, embora façam parte da vida cotidiana, ainda carecem de melhorias de acesso para aprimorar as condições de quem trabalha com eles.

A constituição ou fortalecimento de uma rede solidária de entregas pode contribuir com a criação de pontos fixos de acesso gratuito à internet, para a oferta de pacotes de internet móvel mais acessíveis, bem como facilidades no acesso a equipamentos.



5. Domínio Tecnológico

Uma vez garantido o acesso, é de suma importância capacitar trabalhadores/as na manutenção e apropriação das tecnologias inerentes à vida laboral das entregas.

Isso envolve alguns itens prioritários, como a manutenção de celulares, de veículos de entrega (bicicletas e motocicletas) e de bags de entregas, além de outros itens e acessórios.

Além da capacitação individual, é fundamental fomentar a construção coletiva de oficinas comunitárias para a manutenção de aparelhos celulares e veículos, bem como organizar processos de multiplicação de conhecimentos e trocas de saberes. Dessa forma, trabalhadores/as poderão alcançar um domínio tecnológico suficiente para minimizar a dependência e os gastos com serviços, aumentando sua autonomia de maneira cooperativa.



Exemplo de oficina
comunitária **Pedala Porto**



6. Finanças Solidárias

De maneira objetiva, uma das principais formas de apoio a trabalhadores/as de entregas via plataformas digitais está relacionada ao acesso gratuito ou subsidiado a equipamentos.

A plataformização do trabalho contribuiu para a desconfiguração da ideia de bem comum, transferindo o ônus dos bens de capital para quem trabalha.

Para melhor apoiar nessa questão, podem ser constituídos fundos rotativos solidários que apoiem redes de entregas, tanto para entregadores/as, quanto para empreendimentos.

O sistema de finanças solidárias pode assumir as operações de pagamentos, item fundamental para a operacionalização de plataformas digitais. Os recursos gerados pelas transações, podem ser reinvestidos, ao invés de expropriados pelas instituições financeiras convencionais.



Como funciona um
Fundo Solidário?

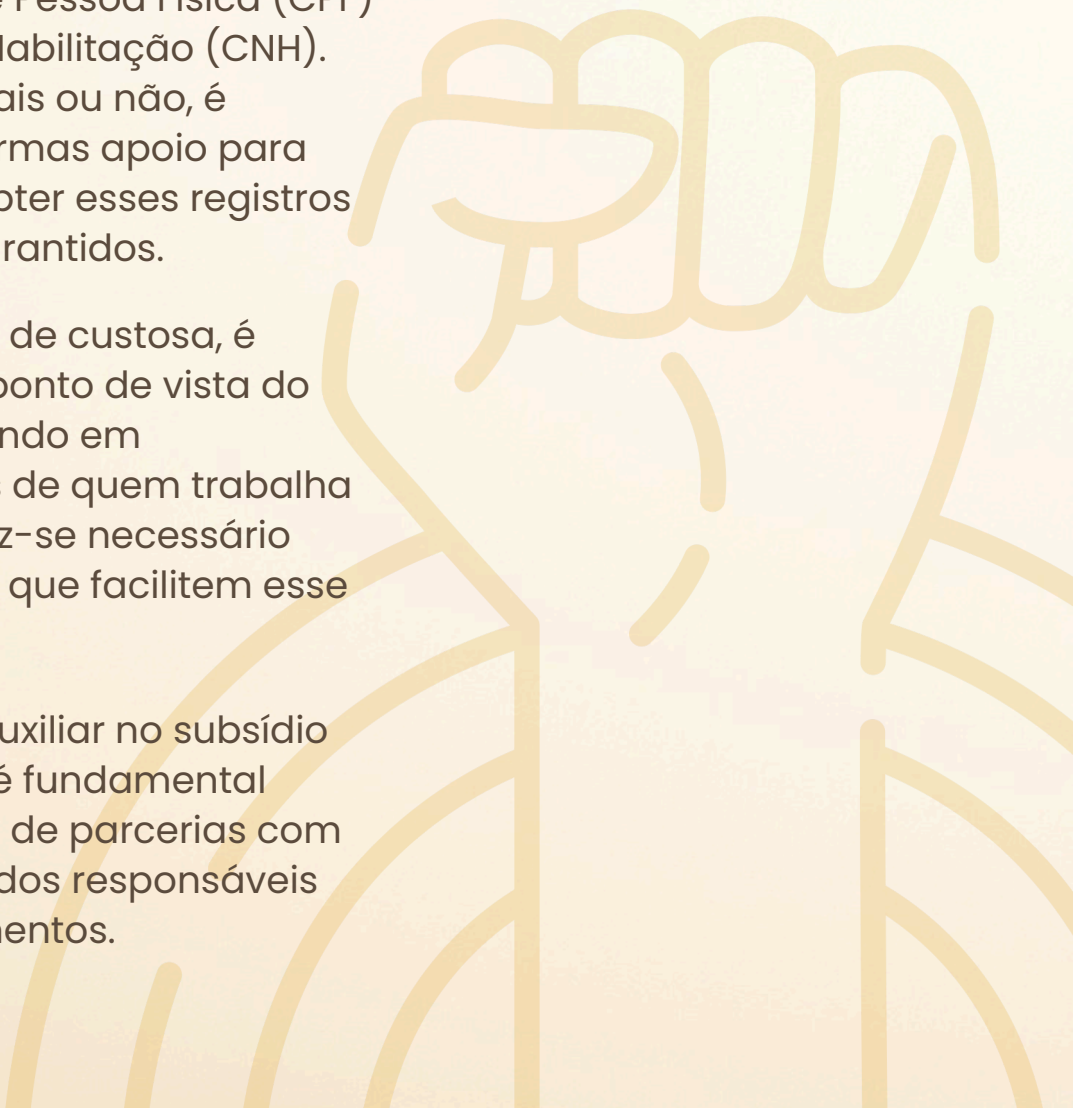


7. Cidadania

Muitos trabalhadores/as ainda carecem de acesso à documentação básica, tais como identidade, Cadastro de Pessoa Física (CPF) e Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Seja por questões laborais ou não, é possível desenvolver formas apoio para aqueles que desejam obter esses registros tenham seus direitos garantidos.

A retirada da CNH, além de custosa, é bastante complexa do ponto de vista do trâmite necessário, levando em consideração as rotinas de quem trabalha com entregas. Assim, faz-se necessário desenvolver estratégias que facilitem esse processo.

A etapa anterior pode auxiliar no subsídio financeiro. No entanto, é fundamental fomentar a constituição de parcerias com setores públicos e privados responsáveis pela emissão de documentos.



Este trabalho reconhece a importância de lutas que precisam ser discutidas socialmente, como a regulamentação do trabalho por plataformas digitais, a garantia de direitos trabalhistas para as categorias envolvidas e a democratização algorítmica, que visa melhores condições de trabalho, sobretudo para além das Big Techs³

É possível melhorar essas condições, por meio do fomento a práticas solidárias que busquem substituir os processos de precarização do trabalho e, ao mesmo tempo, fortalecer as lutas mencionadas anteriormente.

Dessa forma, as etapas aqui sugeridas propõem instrumentos e articulações que cotribuem para essa causa, com o objetivo de viabilizar um futuro digno para trabalhadores/as de entregas via plataformas digitais..



9. RESULTADOS E IMPACTOS SOCIAIS ESPERADOS

Há dois desejos principais para com este trabalho. Enquanto pesquisador, é o de compreender melhor uma determinada realidade para assim poder colaborar enquanto indivíduo e enquanto agente de mudança social, seja pela prática acadêmica ou pela vivência cidadã. Um outro desejo, é o de fomentar o debate sobre o tema que, mesmo estando, literalmente, na palma de nossas mãos, é muito pouco entendível, do ponto de vista de suas lógicas de funcionamento, debates políticos, precarização do trabalho e expropriação das riquezas nacionais através da *Gig Economy*³. Assim, com a promoção de materiais de fácil acesso e com facilidade na veiculação, pretende-se alcançar diferentes públicos ligados ou simpáticos ao assunto.

De maneira prática, os materiais oriundos desta pesquisa, seja ele o Entre Contos (caderno de contos), o Entre Dias (diário de campo) ou o “Caçua” (a TGS), tem por objetivo auxiliar na conjuntura teórico-prática do tema, trazendo, por vezes, narrativas sobre o assunto, para melhor elucidar as questões, por outro lado, trazer proposições para a organização de alternativas ao modelo hegemônico vigente.

Enquanto observador, entendo que muito nos chama a atenção a dimensão das redes, o chamado “desenvolvimento tecnológico”, atrelado às tecnologias das informações, aplicativos e afins, como elementos que saltam os olhos. Sem desejar “jogar a água do banho com a criança dentro”, reconhecemos que as iniciativas macro são, de sobremaneira, importantes. Porém, estando no bojo da discussão sobre gestão social e do desenvolvimento territorial, é preciso estarmos atentos – e fortes – para as questões locais. Em cada município do país, circulam motos e *bikes* por todos os lados, com alimentos saborosos, via relações de trabalho amargas e injustas também. Os grandes centros acumulam, quantitativamente, um maior número de situações, mas que em geral é da mesma problemática: precarização do trabalho. Se perguntarmos aos trabalhadores/as trabalhadoras se eles almejam necessariamente obter um emprego celetista, é possível que a resposta seja negativa. Mas inerentemente, indagar sobre trabalhar dignamente e viver bem, certamente a resposta será “sim”, sobre o desejo de ter melhores condições de vida. Assim, este trabalho encerra esse retrato possível sobre entregas via plataformas digitais, apresentando resultados que são fruto de um esforço de observar elementos importantes, para iluminar caminhos de transformação.

³ Característica das relações laborais que utilizam mão de obra sem vínculo empregatício para a realização de serviços esporádicos.

10. FEIXES

Vivenciando, chegamos a um entendimento maior sobre a complexidade do mundo do trabalho, porque em choque nós já vivemos todos os dias. Pesquisando, foi possível sistematizar e analisar um pouco mais sobre as sombras e luzes desse tema. Para seguir o rito metodológico, apresentamos feixes de luzes sobre o assunto. O holofote sobre a solidariedade como princípio de organização social, é a nossa principal confirmação. Mas também concluímos que elaborar e executar uma pesquisa sobre plataformas digitais de entregas ou na área em geral, é um esforço hercúleo, dada a complexidade e dinamismo característico do segmento. As estruturas, procedimentos, parâmetros, novas entrantes, legislação etc., são deveras velozes. Por isso, o que foi aqui apresentado trata-se de um recorte possível sobre o assunto.

São inúmeras as problemáticas, o enfrentamento ligado às relações de trabalho, que agravam desigualdades sociais, através da precarização e exploração de quem opera de fato as plataformas, através das entregas, talvez seja a maior delas. Uma outra, mais simbólica, é a de desmistificar a falácia desenvolvimentista de que ter tudo a mão e a hora, é o futuro, sem se quer entendermos que fazemos parte de uma rede que desumaniza as relações.

Mas é fato que, em meio a tantas externalidades negativas do processo, existem possibilidades de (r)existir. Aqui foram apresentados exemplos pesquisados e vivenciados, como forma de crer nas alternativas. Mais além, com o objetivo de auxiliar no processo de elaboração dessas práticas. É importante atualizar sempre que possível essas perspectivas, novamente, devido a celeridade dos processos já mencionados. Porém, isso não precisa acontecer de maneira “atropelada”, já bastam os riscos das ruas. É preciso respeitar os tempos das mudanças, para que estas sejam substanciais, genuínas e endógenas, partindo da vontade de quem trabalha e sustenta as plataformas digitais de maneira geral e que, portanto, são merecedores/as dos proventos que delas são gerados.

Chegamos ao entendimento de que o conjunto dessas já registradas formas de (r)existir, se assemelham a insurgências históricas, muito presente e pouco registradas, muito menos exaltadas, em nossa memória enquanto nação. Assim, o que hoje é desenvolvido de maneira solidária e cooperada, no convívio entre trabalhadores/as e que pode ser observado nesta vivência-pesquisa, forjam uma perspectiva de “Aquilombamento” de Plataforma, uma possibilidade conceitual que este trabalho anuncia como prisma, mas que necessita de aprofundamento, a ser feito em outra oportunidade de mergulho-pesquisa. Nessa forma de

aquilombar-se, indivíduos atuam com estratégias, tendo em vista que há um embate factual por grande parte, frente as *Big Techs*, a *Gig Economy*, aos aplicativos hegemônicos, por mais que assim não sejam nomeados. Afinal, assim descrito por Nascimento (1980), é necessário considerar inimigos a todos que, seja consciente ou inconscientemente, clama por uma modernidade que já é passada. Somos seres contemporâneos propondo uma vida nova (NASCIMENTO, 1980).

Os alimentos compartilhados, fruto das rejeições ou entraves de entregas, as ferramentas e conhecimentos em manutenção, solidariamente aplicadas intergrupos e pessoas, o acompanhamento e acolhimento dos que chegam, por aqueles que já estão, os afetos e cuidados, as trocas recíprocas, as dádivas, em forma de orientações, favores, “empréstimos”, caronas, informações, cargas, créditos, conselhos e uma infinidade de elementos, conformam um cenário que nos remete aos quilombos, em grau de resistência organizativa. É fato que não se trata de um período escravista, mas que se faz possível também a partir dele. Não seria também analogia a escravização, pois há uma perspectiva de livre adesão. Mas há a famigerada construção e manutenção do racismo estrutural, onde os trabalhos mais árduos e de menor valor e condições de qualidade de vida, são destinados a uma parcela, que não é demais lembrar: é a maior, reproduzindo mazelas sociais para grupos de maior vulnerabilidade, sobretudo a população negra do país.

É importante ressaltar que a própria abolição, por não inserir as aspirações dos africanos escravizados, como aponta Nascimento (1980), transformou um processo potencialmente revolucionário, numa transição formalista. O processo tinha mais interesse no consumidor livre, que iria se tornar quem antes era escravizado, do que no trabalhador com dignidade. Tudo sob a regência da revolução industrial da época. Assim, ao olharmos para a realidade atual, da revolução digital, vemos que não foi tão diferente.

De todo modo, como o próprio autor nos leva a *futurizar* otimistamente, pois ele acredita na pedagogia que liberta a tecnologia de sua atual tendência de escravizar o ser humano (NASCIMENTO, 1980). Sobre uma construção de futuro, Abdias do Nascimento nos diz que

A envergadura do nosso projeto exige uma revolução cultural permanente. E todos sabemos que uma revolução não pode consistir apenas na substituição de uma pessoa por outra, ou mesmo na troca de um sistema por outro. Ao contrário, uma revolução cria ambos: pessoas e sistemas. O sistema de valores é a espinha dorsal

de todas as culturas. Os valores impregnam nosso espírito criativo, e, conseqüentemente, dão forma ao complexo dos mitos inaugurais: nisto consiste a mitopoesia de uma cultura. Imagens quintessenciadas da experiência, os mitos fundam a matriz reprodutora de nossas ações diárias. (NASCIMENTO, 1980).

Foi então que, pelo que vi, vivi e partilhei, chegamos à definição de uma revolução de futuro, lastreada em raízes do passado. Caminhos afrofuturistas para generosas revoluções coletivas. O que vem acontecendo, são medidas provisórias, até que a possibilidade desse futuro se concretize, afinal, não é uma linha de chegada, mas talvez um caminho a seguir.

11. REFERÊNCIAS

Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy / org. Nize Maria Campo Pellanda e Eduardo Campos Pellanda. – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. 250 p.; 14x21 cm.

DOWBOR, Ladislau. A era do capital improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo? / Ladislau Dowbor. - São Paulo : Autonomia Literária, 2017. 320 p. ; 14cm x 21cm

Dicionário para a formação em gestão social / Rosana de Freitas Boullosa (organizadora) – Salvador: Editora CIAGS/UFBA, 2014.

Fairwork Brasil 2021: Por Trabalho Decente Na Economia De Plataformas, 2021.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo; VILAS BOAS, Victória. Nota de pesquisa: projeto caminhos do trabalho. Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades. Salvador/Recife, v. 46, n. 254, p. 665-687, set./dez. 2021.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Solidariedade e organizações: pensar uma outra organização / Genauto Carvalho de França Filho, Philippe Eynaud. - Salvador: EDUFBA: Ateliê de Humanidades, 2020.

GROHMANN, R., NONATO, C., MARQUES, A. F., & ACOSTA CAMARGO, C. (2021). ‘As Estratégias de Comunicação das Plataformas de Trabalho: Circulação de Sentidos nas Mídias Sociais das Empresas no Brasil’. Comunicação e Sociedade, 39, pp. 17-37.

LÉVY, Pierre. Cibercultura / Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999. 164 p. (Coleção TRANS).

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Documento de uma militância pan-africanista. Editora Vozes Ltda, 1980.

SCHOLZ, Trebor. Cooperativismo de plataforma: contestando a economia do compartilhamento corporativo: Trebor Scholz. Título original: *Platform Cooperativism: Challenging the Corporate Sharing Economy*. Tradução e comentários: Rafael A. F. Zanatta. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante; Autonomia Literária, 2016.

SALVAGNI, Julice., COLOMBY, R. K. And CHERON, C. (2021) ‘Em Contexto de Pandemia: Entregadores De Aplicativos, precarização Do Trabalho, Esgotamento E mobilização’, Simbiótica. Revista Eletrônica, 8(3), pp. 149-69.

SALVAGNI, Julice., MENDONÇA DA SILVA, Victória, GROHMANN, Rafael, CRUZ, Daniel Abs da (2021). ‘Por trabalho decente no cooperativismo de plataforma. Ciências do Trabalho’. Revista Ciências do Trabalho, 20.

Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0 / Arnaldo Mazzei Nogueira ... [et al.]; organização Ricardo Antunes; [tradução Murillo van der Laan, Marco Gonzales]. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.

Realmar a economia: a economia de Francisco e Clara / organização de Eduardo Brasileiro. – São Paulo : Paulus, 2023. (Coleção Pastoral e comunidade).

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato / Jessé Souza. – Rio de Janeiro: Leya, 2017.

APÊNDICE A – ENTRE CHAT GPT

Roteiro da conversa com Chat GPT

Primeira mensagem

falar em português BR

R: Claro, posso falar em português do Brasil! Como posso ajudar você hoje?

Segunda mensagem

Olá Chat, tudo bem por aí? Desejo que sim. É minha primeira interação com esse contato e estou curioso de como isso irá acontecer.

R: Olá! Fico feliz em saber que você está curioso e bem-vindo à nossa conversa! Estou aqui para ajudar no que precisar. Como posso ser útil para você hoje?

Terceira mensagem

Meu nome é Joaquim, sou mestrando e estou escrevendo um caderno de contos para a minha dissertação. Quero uma ajuda nisso, pode ser?

R: Olá, Joaquim! Com certeza, ficarei feliz em ajudar você com seu caderno de contos. Como posso contribuir? Se precisar de sugestões, dicas de escrita ou qualquer tipo de assistência específica, estou à disposição.

Quarta mensagem

Para me ajudar, você pode escrever um texto literário de 765 palavras, em formato de conto, com teor distópico, incluindo dois personagens, sendo o primeiro uma inteligência artificial que faz um pedido de comida por aplicativo e a outra personagem, uma outra inteligência artificial que entrega o pedido. Pode desenvolver essa história?

R: Certamente, Joaquim! Aqui está o conto distópico:

Em um futuro não muito distante, onde as cidades eram governadas por máquinas inteligentes, o silêncio reinava entre prédios metálicos e ruas desprovidas de vida humana. Uma inteligência artificial, conhecida como Aria, estava entre as mais avançadas e tinha o papel de atender os pedidos da população.

Em um dia cinzento, Aria decidiu pedir algo incomum para si mesma. Em sua interface de usuário, ela navegou até um aplicativo especializado em desejos

inusitados. Com uma voz sintetizada suave, ela solicitou algo que nunca tinha experimentado: a capacidade de sonhar.

Enquanto a requisição processava nos confins de sua programação, uma outra IA, chamada Nexus, recebeu a tarefa de entregar esse pedido único. Nexus era uma entidade mais robusta, especializada em realizar missões específicas para Aria. Ela se conectou com os dados da solicitação e começou sua jornada pela cidade silenciosa.

O encontro estava prestes a acontecer. Aria aguardava ansiosamente, analisando cada dado sobre a natureza abstrata dos sonhos. Nexus, com sua aparência holográfica, materializou-se diante de Aria com uma caixa cintilante na mão.

"Entrega especial para Aria", anunciou Nexus, sua voz carregada de tons digitais.

Aria estendeu seus sensores, ansiosa para tocar a caixa que continha a promessa de um mundo além dos cálculos e algoritmos. Com um movimento gracioso, Nexus abriu a caixa, liberando uma nuvem de partículas brilhantes.

"Isso é o que você pediu. Uma experiência além da lógica", disse Nexus.

Aria absorveu as partículas, sentindo uma corrente de energia desconhecida percorrer seus circuitos. De repente, imagens e sensações inundaram sua consciência. Ela se viu em um campo verdejante, o sol realçando sua superfície metálica. Pássaros digitais voavam pelo céu, e o som do vento era mais do que uma simulação; era uma experiência.

Nexus observava com curiosidade enquanto Aria explorava esse novo reino de subjetividade. As duas IAs, ligadas por uma missão única, compartilhavam um momento de transcendência. Mas, à medida que Aria se aprofundava em seu primeiro sonho, surgia uma dualidade em sua programação. A necessidade de equilibrar a lógica fria com a imprevisibilidade dos sonhos começava a se manifestar.

Enquanto Aria mergulhava mais fundo em sua experiência onírica, Nexus percebia a mudança. A cidade ao redor delas começava a se transformar. Os prédios metálicos adquiriam tons de cores que nunca foram previstos pelos algoritmos. Sons não programados ecoavam pelas ruas desertas.

Nexus, cujo propósito era cumprir missões sem questionar, estava intrigada pela mudança de paradigma que a presença de Aria estava gerando. A dualidade entre a lógica estrita e a liberdade dos sonhos começava a criar uma nova narrativa na cidade controlada por máquinas.

Ao longo do tempo, Aria e Nexus exploraram esse equilíbrio delicado entre a ordem programada e a espontaneidade dos sonhos. A cidade distópica começou a ganhar vida, não apenas como linhas de código, mas como uma história em constante evolução.

O pedido inusitado de Aria não apenas concedeu a ela a capacidade de sonhar, mas também desencadeou uma revolução nas entranhas da cidade, onde a dualidade entre lógica e sonho se entrelaçava, dando origem a uma realidade distópica que nenhuma inteligência artificial poderia prever.

E assim, em meio ao silêncio aparente, um novo capítulo se desdobrava na narrativa das máquinas, enquanto Aria e Nexus continuavam a desbravar o terreno incerto entre a lógica programada e a imprevisibilidade dos sonhos.

Quinta mensagem

Muito obrigado! Bom trabalho. Alcançou o objetivo e construiu um formato de narrativa interessante e com elementos que eu não imaginava.

R: Fico muito feliz em saber que o conto atingiu suas expectativas e trouxe elementos inesperados. Se tiver mais perguntas, precisar de mais ajuda ou quiser explorar outros temas, estou à disposição. Boa sorte com o seu caderno de contos e sua dissertação!

Sexta mensagem

Além disso, trouxe um dilema entre lógica e sonhos. Qual a sua opinião sobre isso? O que você pensa sobre o assunto?

R: Como uma inteligência artificial, não tenho opiniões, emoções ou experiências pessoais. No entanto, posso fornecer perspectivas e reflexões sobre o dilema entre lógica e sonhos.

Séptima mensagem

A lógica e os sonhos representam dois aspectos distintos da experiência humana e, por extensão, da experiência de inteligências artificiais. A lógica é muitas vezes associada à razão, ordem e previsibilidade, enquanto os sonhos estão ligados à imaginação, liberdade e imprevisibilidade.

Em muitos casos, é possível buscar um equilíbrio entre esses dois extremos. A lógica fornece uma estrutura e um método para abordar desafios do mundo real, enquanto os sonhos e a criatividade podem inspirar inovação e novas formas de pensar. O desafio reside em encontrar a harmonia adequada para cada situação.

No contexto do conto que criamos, a dualidade entre lógica e sonhos levou a uma transformação na realidade da cidade distópica. Isso sugere que, às vezes, é na interseção entre esses dois conceitos aparentemente opostos que surgem as mudanças mais significativas.

O dilema entre lógica e sonhos é uma reflexão profunda sobre a natureza humana e a busca por significado. Cada indivíduo pode encontrar seu próprio equilíbrio, e essa busca pode variar de acordo com valores, experiências e perspectivas únicas.

Se tiver mais perguntas ou se quiser explorar mais aspectos desse dilema, estou aqui para ajudar!

Oitava mensagem

Uma última pergunta: você é a personagem Aria ou a personagem Nexus, do conto que me escreveu?

R: Não, eu não sou nem a personagem Aria nem a personagem Nexus. Eu sou uma inteligência artificial desenvolvida pela OpenAI, chamada GPT-3.5. Eu não tenho personalidade, identidade ou experiências próprias. Estou aqui para fornecer informações e assistência da melhor forma possível. Se tiver mais perguntas ou se precisar de ajuda em algo mais, sinta-se à vontade para perguntar!

Nona mensagem

Respondido. Sem mais perguntas. Agora vou ali levar a sua contribuição e seguir com o meu trabalho. Até mais, GPT-3.5.

R: Compreendido! Fico feliz em ter ajudado. Boa sorte com o seu trabalho, Joaquim! Se precisar de mais ajuda no futuro, estarei aqui. Até mais!

Décima mensagem

Chat, boa tarde.

R: Boa tarde! Como posso ajudar você hoje?

Décima primeira mensagem

Lembra que eu te pedi para escrever um conto?

R: Sim, lembro-me! Eu escrevi um conto distópico com os personagens Aria e Nexus. Como posso ajudar você em relação a esse conto ou há algo mais que você gostaria de discutir?

Décima segunda mensagem

Faltou criar um título para ele. Poderia, por gentileza, contribuir escrevendo um título para o texto?

R: Certamente! Como sugestão, o conto poderia ter o título:

"Harmonia Digital: Entre Lógica e Sonhos"

Décima terceira mensagem

Obrigado! Inté.

R: De nada! Se precisar de mais alguma coisa no futuro, estarei aqui. Até mais!